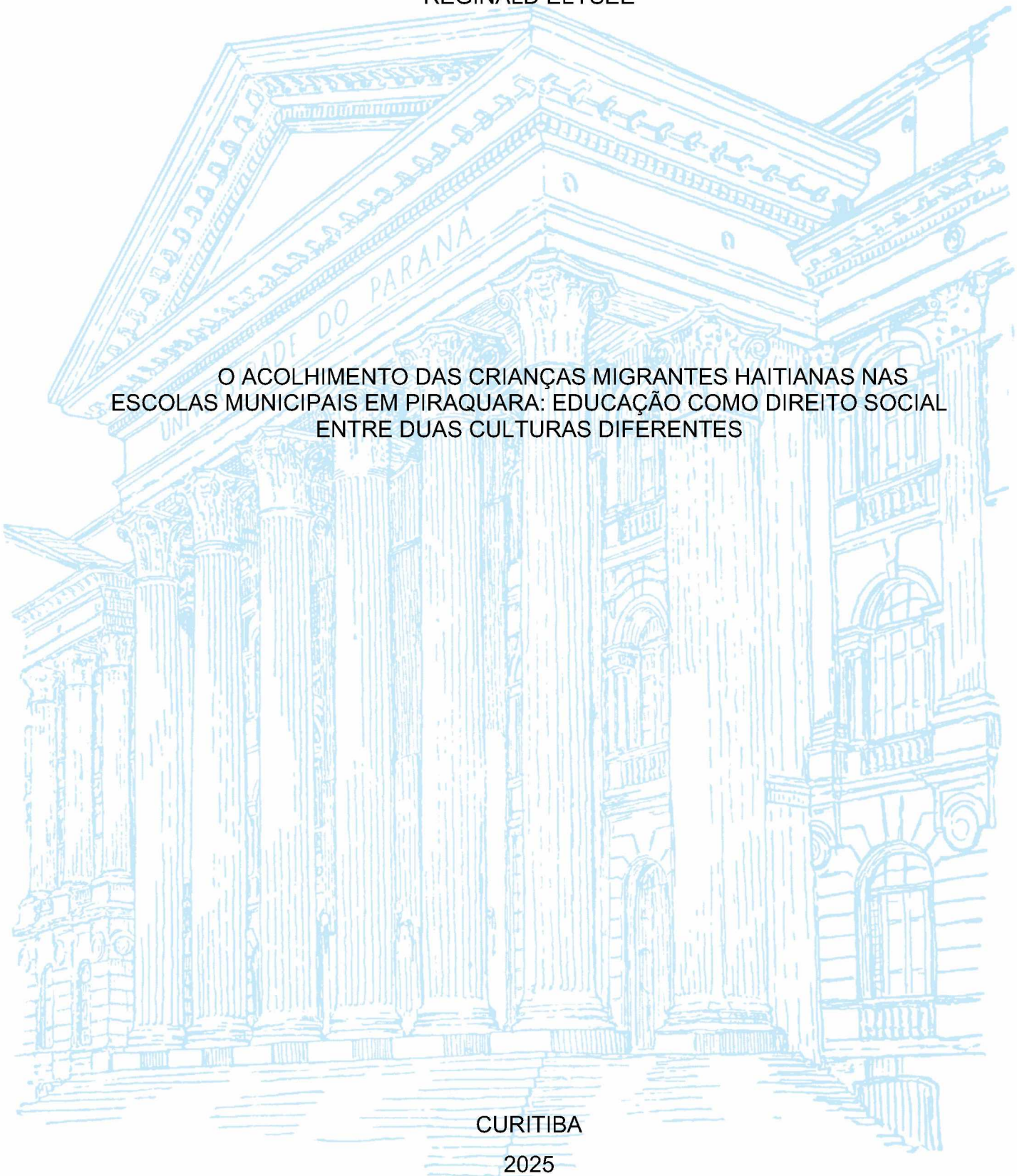
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

REGINALD ELYSEE



O ACOLHIMENTO DAS CRIANÇAS MIGRANTES HAITIANAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS EM PIRAQUARA: EDUCAÇÃO COMO DIREITO SOCIAL ENTRE DUAS CULTURAS DIFERENTES

CURITIBA

2025

REGINALD ELYSEE

O ACOLHIMENTO DAS CRIANÇAS MIGRANTES HAITIANAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS EM PIRAQUARA: EDUCAÇÃO COMO DIREITO SOCIAL ENTRE DUAS CULTURAS DIFERENTES

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, pela linha de pesquisa Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação (DDDS), do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador/a: Prof. Dr. Paulo Vinicius Baptista da Silva (*in memoriam*) e Profa. Dra. Catarina de Souza Moro.

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Elysee, Reginald.
O acolhimento das crianças migrantes haitianas nas escolas municipais em Piraquara : educação como direito social entre duas culturas diferentes / Reginald Elysee – Curitiba, 2025.
1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Profª Drª Catarina de Souza Moro

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Educação – Inclusão. 3. Imigrantes – Educação. 4. Direito à educação – Brasil. 5. Haitianos – Brasil. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO - 40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **REGINALD ELYSEE**, intitulada: **ACOLHIMENTO DAS CRIANÇAS MIGRANTES HAITIANAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS EM PIRAQUARA: EDUCAÇÃO COMO DIREITO SOCIAL ENTRE DUAS CULTURAS DIFERENTES**, sob orientação da Profa. Dra. CATARINA DE SOUZA MORO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.
A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Abril de 2025.

Assinatura Eletrônica
30/05/2025 09:32:41.0
CATARINA DE SOUZA MORO
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
15/05/2025 20:22:55.0
SERGIO LUIS DO NASCIMENTO
Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
15/05/2025 11:27:33.0
GIOCONDA GHIGGI
Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUC., CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
15/05/2025 18:44:29.0
MARIANA CORRÊA DE AZEVEDO
Avaliador Interno Pós-Doc (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 451440
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 451440

Haitiamo

Eu me torno
Um objeto nojento
Nos olhos do outro
Na sociedade onde a pele é cérebro
E o abrute toma assalto
Sobre meu corpo negro.

Minha cor não é falha
Então a vida é selo
Rico ou pobre
Branco ou Negro
Estamos no mesmo barco
Sentimos o mesmo frio
Neste mesmo eco ar-dente.

Mesmo se o dia social faz piada
Sobre meus cabelos crespos
Eu controlo meu ego
Porque a noite louca me narra fada.

Beleza ou coisa
Grana é rosa
E o mundo está em over-dose
Temos o mesmo oxigênio
Mas de gênio diferente
O ódio é sempre em nossas veias venosas
Que alimentam as dores de pena.

Sou negro
Neste espelho social
Onde meu refúgio
É uma presa racial
Que exalta nas calçadas de Curitiba
Ele nos tratou como escórias
Deste mundo imundo cheio de eleitores fascistas
Que elegeram presidente racista
Para sujar minha resistência.
Quem não quer ouvir e ler meus versos de eloquência
A poesia sincroniza com minha vida
(SEELY, 2024).

No Haiti, não há guerras
Porém, existem conflitos entre as tripas na barriga do povo

(SEELY, 2017).

À minha mãe Jeanine ELYSEE que faleceu em 2022:

A morte é um silêncio físico-eterno entre os vivos e os defuntos (SEELY, 2022).

Ao meu professor amável, doutor Paulo Vinicius Baptista da Silva, que faleceu em 2024:

Escrevo em mim
Descrevo em si
A alegria cognitiva que aprendi de ti
Para transformar minhas tristezas diárias em versos de virtude
(SEELY, 2023).

AGRADECIMENTOS

Durante esta pesquisa, a tristeza tomou conta de mim. Minha filha sofreu atos de racismo na escola, onde escarraram em seu rosto e ela quebrou o pulso. Em julho de 2023, perdi minha mãe e em dezembro de 2023 meu irmão no Haiti. Ao término da pesquisa, também perdi meu orientador. Todas essas dores, doloridas, dolorosas, entristecem minha alma. Vejo que cada dia é um amanhã, a repetição da dor ainda adorna minha mente.

Apesar dos desafios, Deus me proporcionou a coragem necessária para enfrentar todas as adversidades até finalizar a pesquisa.

Quero expressar minha gratidão a todas, todes, todos docentes da UFPR.

Quero expressar minha gratidão à professora Catarina, que decidiu me orientar neste projeto de pesquisa após o falecimento do professor Paulo Vinicius.

Quero expressar minha gratidão à minha família que me apoiou ao longo de toda essa pesquisa, apesar das dificuldades que enfrentamos.

Gostaria de agradecer a CAPES pela bolsa que me concedeu para que eu pudesse realizar esta pesquisa.

Muito obrigado a todes, todas e todos!

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um panorama de como ocorre o acolhimento das crianças migrantes haitianas nas escolas municipais de Piraquara/PR. A pesquisa associa a educação ao seu papel fundamental como um direito social, ressaltando os desafios e as possibilidades que emergem do contato entre diferentes culturas no contexto escolar. O principal objetivo deste trabalho está nas estratégias de acolhimento utilizadas pelas instituições, as barreiras enfrentadas pelos alunos haitianos, pela comunidade escolar e a importância da educação na vida dessas crianças migrantes que são tanto protagonistas quanto beneficiárias das iniciativas de inclusão social em Piraquara. Essa é a função da escola ao criar um ambiente que valoriza e respeita as diversidades culturais e linguísticas. A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa combina dados qualitativos e inclui uma observação de campo na Escola Heinrich de Souza de Piraquara, que registrou o maior número de crianças migrantes haitianas em 2021 no município. É essencial reconhecer que as crianças haitianas possuem uma cultura distinta, exigindo um contexto acolhedor no país que as recebe. Por essa razão, o direito à educação é claramente garantido pela Constituição Federal do Brasil de 1988 e por outras legislações nacionais e internacionais. No entanto, a implementação dessas normas em favor das crianças migrantes ainda requer avanços para atender às necessidades de acolhimento e promover a convivência social no ambiente escolar, respeitando a diversidade cultural. Concluiu-se no estudo que, em Piraquara, não existe uma política educacional formal para acolher as crianças migrantes haitianas, mas elas conseguem se matricular nas escolas. A inclusão do intérprete haitiano é um aspecto importante, mas a falta de materiais didáticos na língua materna dessas crianças ainda é uma barreira. Além disso, foi observado que crianças haitianas sofrem discriminação racial, com os pais de crianças brasileiras usando termos depreciativos, como "haitianinho", durante desentendimentos entre as crianças.

Palavras-chave: criança migrante haitiana; acolhimento escolar; educação como direito social; inclusão educacional; Piraquara.

ABSTRACT

This research presents an overview of how Haitian migrant children are welcomed in the municipal schools of Piraquara/PR. The research associates education with its fundamentais role as a social right, highlighting the challenges and possibilities that emerge from contact between different cultures in the school context. The main objective of this work is to examine the welcoming strategies used by the institutions, the barriers faced by Haitian students and the school community, and the importance of education in the lives of these migrant children who are both protagonists and beneficiaries of social inclusion initiatives in Piraquara. This is the role of the school in creating an environment that values and respects cultural and linguistic diversity. The methodological approach used in this research combines qualitative data and includes field observation at the Heinrich de Souza School in Piraquara, which registered the largest number of Haitian migrant children in 2021 in the municipality. It is essential to recognize that Haitian children have a distinct culture, requiring a welcoming context in the country that receives them. For this reason, the right to education is clearly guaranteed by the Brazilian Federal Constitution of 1988 and by other national and international legislation. However, the implementation of these standards in favor of migrant children still requires progress to meet the needs of reception and promote social coexistence in the school environment, respecting cultural diversity. The study concluded that in Piraquara, there is no formal educational policy to welcome Haitian migrant children, but they are able to enroll in schools. The inclusion of a Haitian interpreter is an important aspect, but the lack of teaching materials in these children's native language is still a barrier. In addition, it was observed that Haitian children suffer racial discrimination, with parents of Brazilian children using derogatory terms, such as "little haitian", during disagreements between the children.

Keywords: Haitian migrant children; School welcoming; Education as a social right; Educational inclusion; Piraquara.

REZIME

Rechèch sa a prezante yon apèsi sou fason yo akeyi timoun migran ayisyen yo nan lekòl minisipal yo nan Piraquara/PR. Rechèch la asosye edikasyon ak wòl fondamantal li kòm yon dwa sosyal, li mete aksan sou defi ak posiblite ki soti nan kontak ant diferan kilti nan kontèks lekòl la. Objektif prensipal travay sa a se egzamine estrateji akèy yo itilize nan enstitisyon yo, baryè elèv ayisyen yo rankontre, kominote lekòl la epi enpòtans edikasyon nan lavi timoun migran sa yo, ki alafwa pwotagonis epi benefisyè inisyativ enklizyon sosyal nan Piraquara. Sa a se wòl lekòl la nan kreye yon anviwònman ki valorize, respekte divèsite kiltirèl avèk lengwistik. Apwòch metodolojik yo itilize nan rechèch sa a genyen done kalitativ epi li enkli obsèvasyon sou teren nan Lekòl Heinrich de Souza nan Piraquara, ki te anrejistre plis kantite timoun migran ayisyen nan ane 2021 nan komin lan. Li esansyèl pou rekonèt timoun ayisyen yo gen yon kilti diferan, ki mande yon kontèks akèy nan peyi k ap resevwa yo a. Pou rezon sa a, dwa a edikasyon klèman garanti pa Konstitisyon Federal Brezilyen (1988) avèk lòt lejislasyon nasyonal ak entènasyonal. Sepandan, lwa sa yo an favè timoun migran yo, toujou mande pwogrè pou satisfè bezwen akèy epi ankouraje viv ansanm sosyal nan lekòl yo, pandan y ap respekte divèsite kiltirèl. Etid la konkli ke nan vil Piraquara, pa gen okenn politik edikasyon fòmèl pou akeyi timoun migran ayisyen yo, men yo kapab enskri nan lekòl. Enklizyon yon entèprèt ayisyen se yon aspè enpòtan, men mank materyèl pedagojik nan lang timoun sa yo toujou yon baryè. Anplis de sa, nou te obsève ke timoun ayisyen yo soufri diskriminasyon rasyal, paran timoun brezilyen yo itilize tèm pou denigre yo, tankou "tiayisyen", lè timoun ayisyen ak brezilyen genyen mezantant.

Mo kle: Timoun migran ayisyen; Akèy lekòl; Edikasyon kòm dwa sosyal; Enklizyon edikasyonèl; Piraquara.

RÉSUMÉ

Cette recherche présente un aperçu de la manière dont les enfants migrants haïtiens sont accueillis dans les écoles municipales de Piraquara/PR. La recherche associe l'éducation à son rôle fondamental de droit social, en soulignant les défis et les possibilités qui émergent du contact entre différentes cultures dans le contexte scolaire. L'objectif principal de ce travail est d'examiner les stratégies d'accueil utilisées par les institutions, les barrières rencontrées par les étudiants haïtiens, la communauté scolaire et l'importance de l'éducation dans la vie de ces enfants migrants qui sont à la fois protagonistes et bénéficiaires des initiatives d'inclusion sociale à Piraquara. C'est le rôle de l'école de créer un environnement qui valorise et respecte la diversité culturelle et linguistique. L'approche méthodologique utilisée dans cette recherche combine des données qualitatives et englobant une observation sur le terrain à l'école Heinrich de Souza à Piraquara, qui a accueilli le plus grand nombre d'enfants migrants haïtiens en 2021 dans la municipalité. Il est essentiel de reconnaître que les enfants haïtiens ont une culture distincte, nécessitant un contexte accueillant dans le pays d'accueil. C'est pourquoi le droit à l'éducation est clairement garanti par la Constitution fédérale brésilienne de 1988 et par d'autres législations nationales et internationales. Cependant, la mise en œuvre de ces normes en faveur des enfants migrants nécessite encore des progrès pour répondre aux besoins d'accueil et favoriser la coexistence sociale en milieu scolaire, dans le respect de la diversité culturelle. La recherche démontre qu'il n'y a pas de programme éducatif officiel à Piraquara pour intégrer les enfants migrants haïtiens, mais ils peuvent s'inscrire dans les écoles. L'inclusion d'un interprète haïtien est un aspect important, mais le manque de matériel pédagogique dans la langue maternelle de ces enfants constitue toujours un obstacle. De plus, les enfants haïtiens souffrent de discrimination raciale quand les parents d'enfants brésiliens utilisant des termes péjoratis, comme « petit haïtien », lors de désaccords entre les enfants.

Mots-clés: Enfant migrant haïtien; Accueil scolaire; Éducation comme droit social; Inclusion scolaire; Piraquara.

RESUMEN

Esta investigación presenta un panorama de cómo son acogidos los niños migrantes haitianos en las escuelas municipales de Piraquara. La investigación asocia la educación a su papel fundamental como derecho social, destacando los desafíos y posibilidades que emergen del contacto entre diferentes culturas en el contexto escolar. El objetivo principal de este trabajo es examinar las estrategias de acogida utilizadas por las instituciones, las barreras que enfrentan los estudiantes haitianos, la comunidad escolar y la importancia de la educación en la vida de estos niños migrantes que son a la vez protagonistas y beneficiarios de las iniciativas de inclusión social en Piraquara. Éste es el papel de la escuela en la creación de un entorno que valore y respete la diversidad cultural y lingüística. El enfoque metodológico utilizado en esta investigación combina datos cualitativos e incluye la observación de campo en la Escuela Heinrich de Souza de Piraquara, que registró el mayor número de niños migrantes haitianos en 2021 en el municipio. Es esencial reconocer que los niños haitianos tienen una cultura distinta, que requiere un contexto acogedor en el país anfitrión. Por esta razón, el derecho a la educación está claramente garantizado por la Constitución Federal brasileña de 1988 y por otras leyes nacionales e internacionales. Sin embargo, la implementación de estas normas a favor de la niñez migrante aún requiere avances para atender las necesidades de acogida y promover la convivencia social en el ámbito escolar, respetando la diversidad cultural. El estudio concluyó que en Piraquara no existe una política educativa formal para acoger a los niños migrantes haitianos, pero ellos pueden matricularse en las escuelas. La inclusión de un intérprete haitiano es un aspecto importante, pero la falta de materiales didácticos en la lengua materna de estos niños sigue siendo una barrera. Además, se ha observado que los niños haitianos sufren discriminación racial y que los padres de niños brasileños utilizan términos despectivos, como "haitianito", durante los desacuerdos entre los niños.

Palabras clave: Niño migrante haitiano; Acogida escolar; Educación como derecho social; Inclusión educativa; Piraquara.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa do Haiti 31
FIGURA 2 – Escola Tibeau no Haiti..... 50
FIGURA 3 – Casa dos migrantes haitianos em Piraquara 58
FIGURA 4 – Cartaz de proibição de ocupação dos terrenos em Piraquara 58
FIGURA 5 – Escola Rural Municipal Heinrich de Souza em Piraquara 73

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Matrículas de crianças e estudantes migrantes e refugiados por etapa na Educação Básica no Brasil 65
Gráfico 2 – Número de alunos migrantes e refugiados na Educação Infantil e Fundamental de Piraquara 70
Gráfico 3 – Nacionalidades - crianças migrantes e refugiadas inscritas nas escolas Municipais de Piraquara 72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – 20 municípios com o maior número de matrículas de crianças migrantes e refugiadas na Educação Infantil no Brasil de 2015 a 2021..... 66
Tabela 2 – Cinco nacionalidades mais representativas na Educação Infantil no Brasil..... 66
Tabela 3 – Escolas Ensino Fundamental, anos iniciais – 1º ao 5º ano, crianças migrantes por nacionalidades em Piraquara.....67
Tabela 4 – Escolas - Centro Municipal de Educação Infantil em Piraquara 68
Tabela 5 – Matrícula - crianças migrantes e refugiadas em Piraquara.....70
Tabela 6 – Nacionalidades - crianças migrantes e refugiadas em Piraquara 2020 -2024 71

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ACNUR - Agência da ONU para Refugiados
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
BVAC - Centro de Solicitação de Visto do Brasil
Celin - UFPR- Centro de Línguas e Interculturalidade da Universidade Federal do Paraná
CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil
CNE - Conselho Nacional de Educação
CIRH - Comissão Provisória para a Reconstrução do Haiti
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
FAO - Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
IMDH - Instituto de Migrações e Direitos Humanos
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PNE - Plano Nacional de Educação
MINUJUSTH - Missão das Nações Unidas para o Apoio à Justiça no Haiti
MINUSTHAH - Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti
OIM - Organização Internacional para Migrações
ONGs. - Organizações Não Governamentais
ONU - Organização das Nações Unidas
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância
UFPR - Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
JUSTIFICATIVA 17
OBJETIVOS 22
METODOLOGIA 23
CAPÍTULO 1 - PROCESSOS MIGRATÓRIOS PARA O BRASIL 27
CAPÍTULO 2 - CONTEXTO DO HAITI 30
2.1 Haiti na cronicidade das crises sociais 39
2.2 Educação no Haiti 42
2.3 A língua francesa no sistema educativo haitiano:instrumento de alienação. 45
2.4 Escola Municipal Tibeau do Haiti: uma referência do caso analítico para comparação 47
CAPITULO 3 - PRESENÇA DOS HAITIANOS NO BRASIL 51
3.1 Haitianos em Piraquara 56
3.2 Crianças haitianas na educação de Piraquara 61
CONSIDERAÇÕES FINAIS 84
REFERÊNCIAS 86
APÊNDICE 1 ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A DIRETORA 89
APÊNDICE 2 ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O INTÉRPRETE 91
APÊNDICE 3 ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS EDUCADORES... 93
APÊNDICE 4 ROTEIRO DA REUNIÃO COM AS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS MIGRANTES HAITIANAS 94
APÊNDICE 5 ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O DIRETOR TIBEAU NO HAITI 95

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como base a relação entre migração e educação e visa investigar o direito à educação pelas crianças migrantes haitianas no ambiente das escolas municipais em Piraquara, no estado do Paraná, através das políticas de inclusão social que a municipalidade cria e oferece para acolher os sujeitos em questão.

No Brasil, o direito à educação é elevado à categoria de direito fundamental e universal pela Constituição Federal de 1988, marcando a centralidade da formação intelectual para todos. Esta garantia constitucional é reforçada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), que estabelece o direito à educação como um princípio básico, a ser assegurado a todas as crianças e adolescentes sem qualquer forma de discriminação.

Migrar é mudar de um lugar para outro, sendo uma prática histórica recorrente na trajetória humana. Ao longo do tempo, as pessoas têm buscado condições de vida mais favoráveis, o que as leva a se mover para diversas regiões. Nos últimos anos, desde 2010, após o terremoto que devastou Haiti, temos observado a presença considerável dos haitianos no Brasil.

Podemos constatar que Haiti enfrenta sérios problemas, como corrupção, desastres naturais e extrema pobreza, levando os haitianos a buscar melhores oportunidades em outros países. Vale ressaltar que, além dos adultos, muitas crianças haitianas também estão presentes no Brasil acompanhadas de suas famílias. Com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica, os números de alunos migrantes e refugiados matriculados no Brasil em 2022 são 26.490 na Educação Infantil, 97.758 no Ensino Fundamental e 23.067 no Ensino Médio.

Para compreendermos o fenômeno migratório, recorremos ao glossário da OIM (Organização Internacional para Migrações) de 2009 que define o migrante como qualquer pessoa que tenha deixado sua casa de forma voluntária ou involuntária, independente do status jurídico, duração da estadia ou causa do deslocamento, a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e as das suas famílias (OIM, 2009).

No contexto brasileiro, a lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, conceitua o migrante como todo nacional ou apátrida de outro país que trabalha ou reside e se estabelece no país, temporária ou permanentemente. Prado (2016) coloca o assunto da migração dentro de um contexto em que a pessoa geralmente procura por

condições de vida mais favoráveis e não está simplesmente escapando para proteger sua vida.

Assim, a legislação brasileira consagra o acesso à escola como um direito inalienável e essencial para o desenvolvimento pleno de cada indivíduo, independentemente de sua origem ou condição.

O percurso do migrante que saiu de um país pobre para chegar a um novo destino é dolorosa, muitas vezes gerando morte no mar ou no caminho. De acordo com os dados da OIM (Organização Internacional para Migrações), 2023 foi o ano mais trágico em rotas migratórias ilegais em todo o mundo e recenseou 8.565 mortos por afogamento (OIM, 2023).

Em geral, o migrante tem algo importante para trazer para a comunidade, elementos como novas tradições, gastronomia, língua, competências e habilidades que podem contribuir para o crescimento econômico do país. Esta diversidade multicultural é essencial para a promoção de uma sociedade mais plural com respeito à dignidade humana.

Considera-se que, no contexto do Brasil, a Lei n° 13.445/2017, Lei de Migração, protege o migrante ou refugiado como um sujeito de direitos e atua para regular seu estatuto social no país. Este exercício legal é considerado como respeito à dignidade humana e a prevalência dos direitos humanos, na contraposição, por exemplo, aos Estados Unidos que constroem muros para evitar que os migrantes atravessem suas fronteiras terrestres.

JUSTIFICATIVA

A escolha do tema dessa pesquisa não foi aleatória e nem desinteressada em relação à comunidade migrante haitiana no Brasil. A pesquisa aqui apresentada é conduzida por uma pessoa que é um migrante haitiano, que tem sua filha matriculada numa escola municipal e pode perceber, em uma perspectiva de dentro da aplicação da política pública, se ela é efetiva ou não, porque os migrantes vivem a demanda dessa política.

O posicionamento engajado dos poemas neste trabalho atua como contraponto, ampliando a percepção da vivência migratória na infância. Ao provocar sentimentos, momentos de reflexão, representar questões importantes da pesquisa, como pertencimento e identidade, expressar a sensibilidade do pesquisador,

promover a empatia do leitor, a poesia também se transforma em um elemento de coesão. Esta sobreposição entre a objetividade da pesquisa e a subjetividade da poesia pode enriquecer a compreensão do leitor.

Minha realidade como migrante haitiano no Brasil está repleta das seguintes frases: sou negro, sou haitiano e venho de um país pobre. Este retrato constrói meu zoé[1] social numa gênese histórica sombria e me enche de orgulho fazer parte do primeiro povo negro que lutou contra o sistema de escravidão no mundo.

Posso constatar que, aqui no Brasil, o acolhimento social é um ato seletivo, a boa recepção depende da origem e da raça do migrante em questão. Por exemplo, o migrante francês e o migrante haitiano não têm o mesmo peso na balança da observação social no olhar do povo brasileiro. Porém, os dois têm uma história contraditória que serve ao mundo como exemplo. A França metrópole com sua escravidão e o Haiti antiga colônia com sua bandeira dos Direitos Humanos.

Para mim, a realidade social do país me entristece diariamente. Sou negro, sou haitiano e venho de um dos países mais pobres da América. Estas três palavras conjuntas e precedentes constroem minha ontologia no espelho do olhar social brasileiro e me transforma em nada.

O Brasil já tem problemas na sua estrutura social, portanto para definir meu ser social neste país e neste contexto social é um grande desafio. É preciso resistência para superar a haitianofobia (medo contra os migrantes haitianos), racismo, glotofobia (discriminação da maneira de falar) e outras mazelas sociais.

Para sobreviver em Curitiba, trabalhei desde servente na construção civil até dando aulas. Foi um percurso muito difícil até hoje. Saí do Haiti com minha formação acadêmica. Lá, lecionei no ensino médio.

Quando trabalhei na construção civil, julguei necessário e primordial me alfabetizar em português.

Em 2013, eu decidi ir ao Celin - UFPR (Centro de Línguas e Interculturalidade da Universidade Federal do Paraná) para solicitar uma bolsa. Nesta época, não havia nenhum curso gratuito para migrantes. O Celin recebeu minha solicitação e me deu a bolsa.

---

1 Zoé: existência.

Assim, comecei a estudar a língua portuguesa com os alunos que faziam intercâmbio. Fiz rimas e escrevi alguns textos em português para desabafar meu desconforto social. Por isso, dedico meu percurso acadêmico na luta para defender os direitos humanos dos migrantes.

No mestrado (2019), optei por investigar as políticas públicas que o Estado brasileiro direciona para os migrantes no país. Comecei a refletir sobre a temática desta tese em 2017, quando minha enteada de sete anos foi vítima de racismo no ambiente escolar por falas desconfortáveis de uma professora de História numa escola municipal de Curitiba.

Para contextualizar a narrativa memorial dela, transformei a narração em prosa poética para que meus leitores possam entender os sofrimentos das crianças migrantes. E para gerar reflexões sobre educação e acolhimentos das crianças migrantes, que saíram do país mais pobre da América e figura entre os países mais pobres do mundo, de acordo com os dados estatísticos do fator de GINI de 2023, no quais o índice de GINI do Haiti foi 0,43. O índice de GINI é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo com o objetivo de avaliar a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos.

Na visão epistêmica, para compreender adequadamente o contexto de acolhimento das crianças migrantes haitianas no ambiente escolar público em Piraquara, é apropriado fazer estas perguntas pertinentes: como é feito este acolhimento? Como é o olhar das crianças nativas sobre as crianças migrantes em Piraquara? Todas as crianças migrantes recebem a mesma forma de acolhimento nas escolas? Existem algumas formações continuadas para os professores no seio das escolas públicas que acolhem as crianças migrantes?

Na teoria, existe a formulação do acolhimento baseado nos preceitos constitucionais que garantem os direitos humanos, mas na realidade, isso nem sempre acontece no ambiente escolar, haja vista o desrespeito para garantir a dignidade do sujeito.

Apresento o texto, “Cores das palavras”, presente em um dos meus livros, a fim de mapear narrativas e memórias de uma criança migrante haitiana, que fala pouco português. No episódio retratado, a professora utilizou a língua como instrumento de castigo para desumanizar a criança que estava na idade de alfabetização.

Cores das palavras

Na hora da História
Uma criança peidou
A professora me olhou
No fundo disse: "Mocinha Preta"
Minhas colegas ficaram sorrindo na minha tristeza
E dizendo: Professora..., ela não se chama Mocinha preta
Eu fiquei com vergonha na sala.

Na segunda-feira, ao meio-dia na minha casa
para almoçar com minha família
Eu estava caindo em lágrimas
Minha mãe me perguntou: O que aconteceu, filha?
Nada, nada... Eu não vou à escola hoje
Porque minha professora me chamou de mocinha preta
Por causa da minha pele
Ela estava chocada pela palavra,
Ela me acompanhou para ir à diretoria
Nós narramos o assunto
Ninguém acreditou
Ela chamou à professora
Não falei mocinha preta
Mas mocinha grande
Para elogiar sua filha.
Todo mundo estava surpreso
Ela não tem sete anos
A diretora fez uma ata
A professora limpou os seus olhos.

Mocinha grande, mocinha preta
Qual sua possível diferença?
Se educação é o balanço social
Pelo bem-estar global
(SEELY, 2017).

Esta narrativa descrita pela criança me serviu de fio condutor para pensar sobre as crianças migrantes haitianas no ambiente escolar em Piraquara. O poema "Mocinha Preta" é relevante para minha pesquisa, pois proporciona uma visão diferenciada da vivência de pessoas negras e das sutilezas do preconceito que as crianças negras enfrentam, enfatizando a relevância da educação e da comunicação respeitosa.

O texto pode servir para refletirmos sobre a formação da identidade e autovalorização das crianças negras, sendo possível analisá-lo dentro do contexto histórico e social do Brasil, oferecendo compreensões sobre as interações raciais e a discriminação. Isso pode ser particularmente significativo para um estudo acerca de racismo, educação e identidade.

O mesmo cenário aconteceu em 2021, quando minha filha também foi vítima de racismo em uma escola particular em Curitiba. Um colega a chamou de "cocô",

cuspiu no rosto dela, quebrou seu braço e nada de intervenções do Estado. A promotoria e a justiça ficaram inertes, nada aconteceu. Mudamos a menina de escola, mas a justiça não foi feita e nem houve reparação aos danos psicológicos causados pela situação. E as pessoas continuam falando de direitos humanos no país, mas minha filha não serviu como modelo. Então, fica a reflexão: para que servem os direitos humanos? Ele é restrito a crianças não migrantes?

Narrativa de um migrante

Este poema não tem verso
Este poema não tem estrofe
Este poema não tem letra
Este poema não tem rima
Este poema não tem vida
Este poema não é perverso
Este poema não é controverso
Este poema tem quatros anos
Este poema não tem leite NINHO
Este poema não tem livros
Este poema não tem amiguinho
Este poema não tem boneca
Este poema não tem brinquedos
Este poema não tem chupeta
Este poema não tem mamadeira
Este poema é um corpo
Este poema é um grito
Este poema é uma criança negra haitiana
Este poema é lágrimas
Este poema é a infância
Este poema é a raça
Este poema é a escola
Este poema é o abandono
Este poema é aceitação
Este poema é uma dança

Este poema é a família
Este poema é a igreja
Este poema é a resiliência
Este poema é Deus
Este poema é Satanás
Este poema é nada
Este poema é sempre
Este poema é ontem
Este poema é hoje
Este poema é a solidão
Este poema é a rejeição
Este poema é a educação
Este poema é o cuspe
Este poema não é Coco Chanel
Este poema é meu refúgio
Este poema é minha filha
Este poema é o outro
Este poema é um ato de nascimento
Este poema não está no papel
Este poema é o Haiti

Este poema é meu visto humanitário
Este poema é a fome do mundo
Este poema é meu exílio forçado
Este poema é meu lamento
Este poema é Ocidente
Este poema tem dentes
Este poema não tem horizonte
Este poema é a sociedade
Este poema tem cor
Décor
De um pobre migrante
Com generosidade sinceramente
Buscando a vida aqui
Este poema tem não tem
Este poema é não é
Este poema fica eternamente triste
(SEELY, 2024).

Através de uma estrutura contrastante, o poema transcende a ausência formal para narrar visceralmente a complexa jornada de uma criança migrante. Logo, também a literatura, pelo gênero poesia, permite retratar o choque cultural, as violências verbais e as discriminações raciais que acontecem no dia a dia, mesmo que a educação seja um direito fundamental para os migrantes. Mas os problemas não param por aqui. Então, considero que ser haitiano aqui no Brasil é um pesadelo e uma vergonha para o olhar social da maioria do povo.

Em suma, nesta perspectiva epistemológica, o eixo norteador das análises está sobretudo alicerçado no testemunho, no qual as vivências e as narrativas no ambiente escolar vão ser os primeiros parâmetros que encaminham a pesquisa. Então, os direitos humanos devem ser a balança social para valorizar o humano com o mesmo peso social, sem distinção de raça, gênero e categoria social. Neste contexto pesquisado, o problema central se baseia na seguinte formulação: investigar como se concretizam as políticas públicas educativas na municipalidade de Piraquara em relação à recepção dos filhos de migrantes haitianos em termos de convivência social no ambiente escolar público.

OBJETIVOS

O objetivo geral dessa pesquisa consiste em analisar como é feito o acolhimento escolar destas crianças migrantes em Piraquara.

Os objetivos específicos dessa pesquisa são:

- Compreender como é feito o acolhimento escolar destas crianças migrantes;
- Investigar se existe alguma política educativa para traduzir os livros para as crianças migrantes e filhas de migrantes haitianos;
- Identificar como é a convivência dos professores, alunos, outros pais com a presença das crianças haitianas.

No Brasil, o acesso à educação é um enigma abstrato na realidade concreta da aprendizagem. A educação escolar apresenta uma dicotomia que divide a educação em: pública, dedicada às classes sociais mais carentes, e particular, direcionada à elite socioeconômica, com um pensamento mais conservador. Essa dualidade cria um abismo na construção social do país.

METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo que pauta as três palavras chaves: educação, crianças migrantes e direitos humanos. É fruto de uma análise do trabalho de campo, que busca elucidar a quintessência da educação na vida das crianças migrantes haitianas, sendo que estas beneficiárias das políticas de integração social.

A escolha desta metodologia de construção de dados visa possibilitar a observação da realidade do sujeito no ambiente de convivência social nas escolas públicas em Piraquara, além de verificar as políticas públicas que a municipalidade coloca à sua disposição. Para realizar este estudo, optamos por diferentes estratégias metodológicas, com entrevistas semiestruturadas para a coleta das informações e os depoimentos das/os respondentes.

Fizemos uso da observação neste estudo, segundo Gil (1999), o papel da observação é uma parte essencial da pesquisa, sendo inclusive vista como uma técnica de investigação.

Para Marconi e Lakatos (1999), a observação serve para reunir dados e obter informações, utilizando os sentidos para focar em certos aspectos da realidade. Não se limita apenas a observar e escutar, mas abrange também a análise de eventos ou fenômenos que se pretende investigar.

Neste contexto, a observação no âmbito da educação permite ao pesquisador se conectar mais estreitamente com o fenômeno que estuda, graças à sua imersão

prolongada no ambiente de pesquisa e à adoção de métodos para coletar informações e gerar conhecimento.

Entre essas técnicas estão a observação ativa, as entrevistas e a análise de documentos. Além disso, esta abordagem oferece ao pesquisador uma profunda compreensão da cultura acolhedora e de como as interações ocorrem no dia a dia na escola.

Portanto, a metodologia qualitativa nas pesquisas migratórias e educacionais tem sido empregada com maior frequência em razão de suas importâncias peculiares. O pesquisador utiliza o contexto como referência de informações, sendo este um elemento fundamental na pesquisa, e assume um papel ativo em todo o processo, visando interpretar os dados e compreender o sujeito a ser estudado.

Creswell (2007) argumenta que é fundamental definir limites para a obtenção de dados em estudos qualitativos. As informações podem ser obtidas através de entrevistas semiestruturadas ou abertas, documentos, materiais visuais, entre outros, com a ajuda de protocolos de registro.

As metodologias para a coleta de dados precisam ser elaboradas de acordo com a questão de pesquisa e suas metas, exigindo um planejamento cuidadoso por parte do pesquisador, a fim de evitar a coleta excessiva de dados e, assim, um consumo desnecessário de tempo na sua análise.

Para Creswell (2007), existem quatro categorias de métodos para a coleta de informações que fundamentam a avaliação dos achados na pesquisa qualitativa: observações; entrevistas; coletas de documentos; material audiovisual.

No cenário educativo, a observação oferece uma forma de entender o cotidiano das crianças na escola, as crianças e os profissionais presentes, levando em conta as práticas culturais estabelecidas no ambiente escolar, cuja compreensão é construída com um referencial teórico apropriado. Neste estudo, investigamos as crianças migrantes haitianas em questão para buscar informações possíveis.

Esta pesquisa tem também uma coleta de dados quantitativos sobre o mapeamento de quantas crianças são migrantes com dados informados pelo município de Piraquara e quantas crianças migrantes que estão matriculadas na Escola Rural Municipal Heinrich de Souza e que tipos de tratamentos diferenciados existem para este público.

Para realizar esta pesquisa conseguimos a aprovação da Escola Rural Municipal Heinrich de Souza, graças ao apoio de uma colega que trabalha no setor

de educação desta municipalidade. Pesquisar com crianças no espaço escolar implica muita burocracia. Inicialmente, essa pesquisa seria em Curitiba, mas a orientamos para Piraquara pelo acolhimento que encontramos na rede municipal para ali realizá-la.

Observamos também que o município possui uma população haitiana significativa, que antes vivia na região do subúrbio de Curitiba, e agora por decidem se mudar para Piraquara porque ali podem ter casa própria e o custo de vida é mais razoável em termos de aluguel de casa. Assim, foi relevante realizar a pesquisa em Piraquara.

No ponto de vista de ética e privacidade para coletar dados, não citamos os nomes dos entrevistados na redação da pesquisa no momento de nossas observações na escola, sempre assistimos aos cursos com os professores, fotografamos o espaço escolar para que possamos criar uma comparação analítica com uma escola pública do Haiti. A escola assinou o termo de aprovação, um documento para aceitar a pesquisa.

Podemos destacar que os apêndices (1 a 5) incluem os roteiros para as entrevistas da pesquisa em questão, elaborado com o uso de questionários e entrevistas semiestruturadas sobre a escolha dos pais das crianças haitianas matriculadas na Escola Rural Municipal Heinrich de Souza de Piraquara. Trata também da trajetória dos haitianos pelo Estado do Paraná, a condição de vida, a convivência social deles no olhar de vizinhos brasileiros, a percepção da inserção social de seus filhos no ambiente escolar brasileiro, o cotidiano das crianças na escola, se os migrantes haitianos conservam sua cultura em casa, como a língua falada, ou no ambiente familiar.

Utilizamos o método da gravação de áudio via celular, pois é uma ferramenta que captou a escuta da diretora, professores e pais das crianças haitianas. A escola Heinrich de Souza é a escola municipal com maior número de crianças migrantes haitianas matriculadas, nesse sentido configurou-se local interessante para conduzir esta pesquisa de campo.

Elaboramos algumas questões para a conversa com a diretora e professores: como eles observam a recepção das crianças haitianas na escola? Que dificuldades elas têm em termos de adaptação e de aprendizagem? Como as outras crianças veem as crianças haitianas na questão da convivialidade? Que meios a escola tem para se

comunicar com os pais? As crianças haitianas sofrem discriminação? Como os pais de crianças brasileiras veem seus filhos na escola com crianças haitianas?

Para os pais das crianças haitianas, formulamos várias questões: como eles veem as crianças migrantes haitianas acolhidas na escola? Quais as dificuldades que sentem as crianças? As crianças têm bom desempenho na escola? Como veem a educação no Brasil e no Haiti na forma de acolher as crianças?

Em suma, para facilitar a compreensão para os entrevistados haitianos, formulamos as perguntas em crioulo haitiano, sua língua materna. E para os nativos daqui, em língua portuguesa.

Como disse Barbosa (2007), narrar é uma forma de estar no mundo e, dessa forma, entendê-lo. Por isso, quando o sujeito se expressa na sua língua natural, ele tem mais capacidade de dizer com segurança tudo o que deseja dizer sem dificuldades.

Neste trabalho de pesquisa, abordamos no primeiro capítulo o processo do surgimento migratório no Brasil e a formação social do país, com uma breve recapitulação histórica da vinda dos europeus, conceituando o passado colonial do Brasil até a nova onda da vinda dos haitianos.

No segundo capítulo, fizemos uma análise a respeito da conjuntura social das políticas internacionais sobre o Haiti e examinamos o contexto e os fatos que conduzem os haitianos a escolher o Brasil como refúgio humanitário.

Ademais, destacamos um estudo sucinto da história do Haiti como o primeiro país negro independente no mundo, a "Política do Mal" estabelecida no Haiti e o percurso do migrante são pontos fundamentais para entender os desconfortos dos migrantes haitianos em buscar um lar social nos países vizinhos até chegar ao Brasil.

No terceiro capítulo, apresentamos o estudo realizado sobre a Escola Heinrich de Souza que acolhe crianças migrantes haitianas em Piraquara e os resultados obtidos.

Nas considerações finais são reavaliados os objetivos da pesquisa, elucidados os métodos escolhidos para análise, destacando as limitações e as vantagens da pesquisa exposta.

CAPÍTULO 1 - PROCESSOS MIGRATÓRIOS PARA O BRASIL

Há muito tempo, a movimentação de pessoas entre países é uma realidade mundial persistente. No que se refere à migração para o Brasil, existem várias etapas distintas. Segundo Schwartz (1988), o começo da migração para o Brasil foi caracterizado por uma migração compulsória, na qual os africanos foram submetidos à escravidão. No século XIX e início do XX, o Brasil promoveu ativamente a vinda de migrantes da Europa e da Ásia, especialmente os italianos, portugueses, alemães, espanhóis e japoneses.

Para Schwartz (1988), a ideologia por trás disso era preencher o vazio deixado pela recente libertação dos trabalhadores negros escravizados nas plantações e povoar novas áreas, impulsionando o crescimento econômico e seguindo ideais de "branqueamento" da população. O autor aponta que o problema se relacionava à mistura entre as raças, pois provocaria a degenerescência racial.

Schwarcz (1993) afirma que com a expressiva presença dos africanos e seus descendentes, havia um desafio: de que maneira elaborar um plano de nação que fosse visto como digno em um território onde a população é predominantemente negra (os dados do censo de 1872 mostravam que os negros representavam 55% da população). O plano de embranquecimento que se fortaleceu durante o Brasil Imperial (1822-1889) com o aumento da migração europeia, baseava-se na ideia de que, em cerca de três gerações, a população branca se tornaria a maioria, reduzindo os genes africanos e indígenas a uma minoria mestiça.

Essa ideologia pretendia um alinhamento racial com os padrões europeus, estimulou políticas que favoreciam a chegada de migrantes brancos e relegou a população negra e indígena a uma posição marginalizada no projeto nacional (NASCIMENTO, 1978). Assim, entra em vigor o projeto de branqueamento. Ainda no período do Império (1822-1889), com a vinda em massa de europeus.

No período de 2010 a 2020, o Brasil vivenciou um expressivo aumento nos fluxos migratórios, com o registro anual de novos migrantes crescendo 24,4%, conforme dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). As principais nacionalidades desse incremento foram venezuelana, haitiana e colombiana.

Este aumento da população migrante também se refletiu em uma maior inserção no mercado de trabalho brasileiro, com o número de registros saltando de

62.423 em 2011 para 181.358 em 2020. Paralelamente, o número de estudantes migrantes matriculados na rede básica de ensino no Brasil quase triplicou, passando de 41.916 em 2010 para 122.900 em 2020 (OBMIGRA, 2020).

Os movimentos migratórios em direção ao Brasil revelam a intricada e valiosa história dessa nação. Ao receber pessoas de diferentes nacionalidades, o Brasil segue se adaptando e enriquecendo sua cultura.

Porém, a formação social do Brasil representa um fenômeno complexo, sobretudo atualmente, variadas culturas e grupos colaboram na formação da identidade nacional. Então, essa configuração resulta de uma interconexão complexa entre populações indígenas, africanas, europeias, latinas, asiáticas e outras, com cada segmento oferecendo uma contribuição singular para a cultura do Brasil.

Por fim, para contextualizar os processos de migração negra haitiana para o Brasil a partir das teorias de Quijano (2005) e Walsh (2007), é fundamental examinar como a entrada de migrantes se relaciona com a dinâmica da colonialidade do poder e de que maneira a educação pode servir como um instrumento de descolonização e de promoção de uma interculturalidade crítica.

A abordagem de Quijano (2005) nos auxilia a perceber que as ondas migratórias para o Brasil não se dão em um contexto imparcial. O Brasil, que tem um passado marcado pela escravidão e por relações raciais hierárquicas, acolhe migrantes dentro de um sistema global de poder, no qual o conceito de raça é ainda um critério de categorização social que afeta o acesso a direitos e oportunidades.

Para Walsh (2017), estas dinâmicas de poder e desigualdades históricas que influenciam as interações entre culturas no âmbito das migrações podem significar ir além de acolher superficialmente as crianças haitianas nas escolas em Piraquara, por exemplo.

Neste contexto, Walsh (2017) enfatiza esta abordagem pedagógica intercultural crítica que propõe desvincular o currículo de influências coloniais, reconhecendo e valorizando as histórias, saberes e línguas dos países de onde vêm os migrantes. Para, assim, construir um diálogo autêntico entre os alunos brasileiros e os migrantes haitianos, promovendo reflexão sobre os motivos que levam à migração, as vivências de deslocamento e as possíveis ocorrências de racismo e xenofobia. A meta é formar indivíduos críticos, aptos a perceber e questionar as desigualdades, estabelecendo intercâmbios culturais fundamentados no respeito, na equidade e no reconhecimento recíproco.

Desta forma, a pesquisa sobre o acolhimento das crianças migrantes haitianas em Piraquara/PR pode se beneficiar da perspectiva da pedagogia intercultural para avaliar se as políticas e as práticas educacionais em vigor favorecem uma verdadeira integração.

CAPÍTULO 2 - CONTEXTO DO HAITI

Em todos os tempos, o negro é alvo de sofrimento social. Se nos referimos ao "Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas" de Arthur Gobineau, considerado como o pai do racismo social, podemos constatar que a estrutura hierárquica sociorracial que o mundo criou, numa percepção de globalização supremacista seletiva sobre os humanos, leva à desvalorização em si da raça humana.

Portanto, "ser negro" é uma luta para negar as atrocidades humanas, o precedente é emblemático em qualquer continente do mundo. Uma luta herdeira com geradores que constroem uma ontologia de existência numa visão de resistência, para que o negro não seja um instrumento político social, mas igualitário ao corpo natural do homem branco, no olhar do outro, em todos os ambientes de convivência social.

Para entender a importância do "ser negro" na historiografia global, a bravura e a resistência do povo haitiano são frequentemente tomadas como um exemplo paradigmático. Essa perspectiva argumenta que o Haiti representa a quintessência ontológica e metafísica dos negros modernos na memória dos povos que foram colonizados. Isso significa que a luta pela independência do Haiti (que foi a primeira e única revolução de escravos bem-sucedida, resultando na criação da primeira república negra independente) é vista não apenas como um evento local, mas como um símbolo universal de liberdade, dignidade e autodeterminação para todos os povos negros e colonizados.

Haiti, neste sentido, encarna a essência da resistência negra contra a opressão, servindo como uma fonte de inspiração e um lembrete do poder e da capacidade de luta de indivíduos que foram marginalizados e explorados. Sua história ressoa profundamente com as experiências de outros grupos que lutaram contra a escravidão, o colonialismo e o racismo.

Segundo Thomas Madiou (1989), geograficamente, o Haiti é um país caribenho situado na América Central, com uma superfície 27.750 km^2, que compartilha fronteiras terrestres a leste com a República Dominicana com 48.442 Km^2. Os dois países formam uma ilha e constroem uma grande história inseparável, apesar dos conflitos diplomáticos e fronteiriços atuais. O significado do nome Haiti para os nativos é terra das altas montanhas. O mapa embaixo mostra a repartição da ilha.

Figura 1 – Mapa do Haiti

Fonte: Google

No século XV, o território foi dominado pela conquista e exploração dos navegadores europeus, sendo este conhecido como o século das dominações. A 6 de dezembro 1492, sobre as ordens da Espanha, Christophe Colombo partiu pela conquista da Índia, perdeu a direção e chegou neste território, habitado por nativos que se chamavam Chemès. Colombo batizou a ilha de “Pequena Espanha” e chamou os nativos de índios, devido à percepção de ter chegado na Índia, e assim o país foi ocupado (MADIOU,1989).

Segundo o autor, este povo nativo tinha suas crenças e cultura. Os habitantes sabiam trabalhar o ouro, artesanato e a moda. Eles tinham hierarquia social e religiosidade e uma divisão em cinco reinos ou *caciquats*, vivendo em harmonia. A Magua governada por Guarionex, o Marien por Guacanagaric, o Xaragua por Bohechio, a Maguana por Caonabo e Hyguey por Cotubana. Esta divisão harmônica resultou em uma política administrativa do território. Com a presença dos espanhóis na ilha, em 1493, e para elogiar a rainha Isabela da Igreja Católica, Colombo fundou a primeira cidade do Novo Mundo. depois de sujeitar os cinco reinos a sua dominação rumo à escravatura. Os espanhóis escravizaram os nativos para extrair as minas de ouro. Porém, num intervalo de 25 anos, este povo foi exterminado por causa de trabalhos forçados e de graves doenças importadas pelos colonizadores. Em 1503, para substituir a mão de obra de *chemès*, sob as ordens do governador Nicolas Ovando, fizeram vir os negros da África. A vinda dos negros africanos para América foi difícil e tortuosa (MADIOU,1989).

Este poema seguinte serve como ilustração da vivência dos africanos que foram escravizados ao longo da travessia do oceano Atlântico, ressaltando a crueldade e a falta de humanidade do comércio da escravidão. O autor retrata o sofrimento, o desespero e a perda de identidade dos africanos que foram raptados e levados à América, proporcionando uma visão tanto emocional quanto histórica sobre esta fase sombria da humanidade.

Da África à América
No negreiro,
as almas mutiladas,
os corpos mais fracos
jogados no oceano
os espíritos balançados
ao ritmo das ondas
no nevoeiro
dos horizontes
desconhecidos.

No Negreiro,
os gritos das mulheres
dos homens entrançados
pelo trauteio de credos
das notas de angústia acorrentadas
e enlaçadas sobre cheiro das feridas,
dos vômitos nas águas salgadas.
No negreiro,
o sonho se desvaneceu
como relâmpago fugindo no céu
Ao menor sinal de sono (SEELY, 2017).

O texto evoca a profunda dor dos africanos escravizados, despojados de sua liberdade essencial, alicerce de todos os direitos humanos, o direito à vida. Neste contexto sombrio, a ilha em questão transformou-se em palco de violações sistemáticas de direitos humanos e em terreno fértil para a exploração predatória por parte dos colonizadores europeus.

Em 1625, houve a vinda dos franceses para a ilha. Eles se estabeleceram na Ilha da Tartaruga, foram piratas e caçadores que realizavam caça e pesca. Esta ilha foi ocupada também por ingleses, em 1640, o comandante Philippe de Longvilliers mandou os piratas franceses expulsarem os ingleses do território. Em 1670, os franceses fundaram sua primeira capital no Haiti batizada de “Cap Français”. Depois, existiram vários tratados assinados na colônia, o mais importante para a França foi o Tratado de Aranjuez publicado em 1777, com o qual a Espanha autorizou a França a exercer sua soberania na parte ocidental da ilha (MADIOU,1989).

Os franceses cultivaram o tabaco e o índigo. Para trabalhar nas plantações, os proprietários contrataram os brancos miseráveis por um período de três anos. Eles trabalharam sem receber salário e fugiram da miséria nos campos.

Neste cenário, os franceses adaptaram o mesmo processo dos espanhóis ao importar os negros africanos para a América, institucionalizando o tráfico com o chamado texto jurídico "Código Negro" em 1685, sob as ordens de Luís XIV. Assim, o código foi criado para regulamentar o sistema escravagista a fim de coisificar o negro africano como dever de seu proprietário.

A história do Haiti marca os traços heroicos do orgulho de uma nação que lutou para prevalecer os direitos humanos como direitos naturais. Os negros escravizados de Santo Domingo desfiguraram a hipocrisia internacional na época com a trilogia de palavras que marcou a revolução francesa em 1789: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, entretanto Haiti foi colônia da França e tinha escravizados.

A revolução haitiana debutou uma gênese na cosmovisão do ser sobre os valores dos negros no mundo contemporâneo e redefiniu o ser humano como um sujeito de direitos humanos indistintamente de cor, da raça e da etnia que pertence.

Com a insurreição dos africanos escravizados no Haiti constituiu um verdadeiro modelo para outras colônias na região, onde os castigos foram similares para os escravizados negros. O contexto da revolução de Santo Domingo deixou críticas controversas nos anais históricos do mundo contemporâneo até hoje.

Segundo Thomas Madiou (1989), a revolução do Haiti foi um pacto sinérgico entre os escravizados negros e os mulatos.

Para bem entender o sistema social de Santo Domingo é preciso dizer que existiram três categorias de pessoas: os brancos, os libertos e os negros.

Na primeira categoria, os brancos são os grandes proprietários de plantações. Em seguida, os libertos são a maioria dos filhos ilegítimos do colono, chamados mulatos, e os escravizados negros que compraram sua liberdade na mão de seu mestre ou pela generosidade de um bom serviço que o escravizado negro ressarciu a seu mestre. Os negros escravizados são os seres humanos importados da África para serem submetido a trabalhos forçados pelo interesse da metrópole.

Nesta perspectiva de divisão em categorias sociais, houve também uma subdivisão entre estas categorias. A classe dos escravizados se repartiu em escravizados do campo, que trabalhavam nas plantações de cana-de-açúcar, e os escravizados domésticos que faziam as tarefas e vigiavam a casa do colono. A classe

dos livres também se dividiu em duas categorias: os mulatos e os escravizados compensados com liberdade de seu proprietário. Por sua vez, a classe dos brancos se dividiu entre: os brancos da alta classe que eram funcionários do alto escalão, grandes proprietários e comerciantes, e os brancos da baixa classe, ou seja, funcionários menores, aqueles que não tinham muita propriedade e trabalhadores.

Em suma, os brancos da alta classe usufruíram todos os privilégios da colônia. Em conformidade ao Código Negro, os livres tinham o mesmo direito que os colonos brancos apossuíram propriedade, habitações de escravizados e exercerem sua profissão, mas os mulatos foram vítimas de sua origem no olhar do homem branco, porque suas mães eram negras. O mulato de Santo Domingo foi sujeito de privilégios sobre o negro escravizado porque era filho ilegítimo dos colonos, sendo a mãe uma escrava violada por um colono. Na colônia, as mulheres escravizadas faziam tarefas domésticas mais rudes e sofriam abusos sexuais violentos.

A concepção de liberdade, no seio da colônia de Santo Domingo, não teve o mesmo sentido na reflexão entre os libertos, mulatos, escravizados domésticos, escravizados dos campos. Se a revolução de Santo Domingo foi a construção social destas classes precedentes para conquistar a independência do Haiti, então qual foi o balanço semiológico do famoso lema: “a união faz a forca”, uma vez que no dia seguinte da independência do Haiti, os haitianos mesmos assassinaram o pai da nação haitiana que lutou com alma e sangue contra o sistema desumano escravocrata?

A palavra liberdade, no contexto colonial da revolução de Santo Domingo, pode definir a ausência de limite para cada categoria em diapasão com o interesse do sujeito. Se o mulato e os libertos já tinham sua liberdade física na colônia, os escravizados dos campos não a tiveram. Qual era o significado da palavra liberdade, entre cada categoria social dentro da colônia, para alcançar a insurreição?

Para mim, acredito que houve uma sociologia colonial que se baseava na divisão e em privilégios dentro da colônia. Portanto, as pessoas africanas escravizadas dentro da colônia tinham privilégios e desigualdades entre si e até mesmo o mulato que ficou dentro da colônia gozava de privilégios por odiar até mesmo sua mãe negra. Numa percepção econômica, o mulato e o liberto tinham o mesmo peso econômico, embora não pudessem usufruir de seus direitos civis e políticos. Para Sauveur Pierre Étienne (2018), citamos:

> A luta dos senhores de engenho libertos pelo gozo dos seus direitos civis e políticos, a recusa dos senhores de engenho brancos em reconhecer esses direitos e a política ambígua da metrópole sobre este assunto criaram uma situação de guerra civil que pressionou o aparelho repressivo do estado colonial francês (ETIENNE, 2018, p. 96, tradução minha).

Se os libertos negros e mulatos foram privados de seus direitos civis e políticos, podemos compreender a questão da união de negros e mulatos para quebrar o sistema colonial. Porém, os escravizados do campo, o maior efetivo na colônia, eram privados da liberdade social, trabalhavam muito. Podemos usar a palavra liberdade em dois aspectos: um aspecto econômico, que é direcionado para que os libertos negros e os mulatos possam ter o controle de tudo, e uma liberdade social para os escravizados que trabalhavam nos campos de cana-de-açúcar.

Falar desta «união egrégora» entre eles tem um sentido mesquinho para os libertos e os mulatos, porque depois da independência do Haiti, surgiram as diferenças e desigualdades sociais entre os negros. E os mulatos até assassinaram Jean Jacques Dessalines, considerado o líder fundador da nação haitiana que lutou pela equidade e a justiça social.

Na visão pós-colonial, para Thomas Madiou (1989), os mulatos haitianos quiseram herdar todos os bens dos colonos como filhos deles. Desde aquele período, os mulatos seguem mantendo a opressão no país, até os dias atuais. Eles dominam a economia nacional, instituindo uma ditadura econômica contra os haitianos de pele negra. Além disso, eles investem na perpetuação do caos social no país, o que pode levar a golpes e assassinatos quando um presidente tenta mudar a situação miserável do povo.

Este poema abaixo descreve uma sociologia desigual, que herdamos como nutrientes, e as sequelas coloniais nas quais o negro haitiano constrói seu capital econômico com vicio, a detrimento de seu próprio irmão. Uma sociedade onde o vício se torna virtude é uma sociedade em extinção.

Eu e você
Estávamos juntos
No mesmo conjunto
Vindo todo torturado,
Você foi o privilegiado.
Você que esqueceu a viagem do mar de ontem
Você me bateu pelo seu mestre
Porque eu estava cansado
Eu estava desnutrido
Eu estava muito fraco.

> Durante o dia, o raio do sol do meio-dia cuidou minhas feridas
> Que você deixou sobre meu corpo com sua brutalidade
> E durante a noite, eu chorei o frio pelo orvalho da manhã.
>
> Você me chicoteou enquanto você contemplou seus privilégios
> Você esqueceu que você era da mesma origem.
> Estávamos juntos
> No mesmo conjunto
> Vindo todo torturado,
> Você foi o privilegiado.
> Você cortou a mão do nosso irmão para dar ao cachorro do seu dono
> Que comeu um talo de cana para matar a fome de ontem
> Você dançou com seu mestre sobre meus direitos
> Passei sempre minhas alegrias com a tristeza do cheiro do sol
> E as minhas feridas sobre minha pele eram como um formigueiro
> Onde os vermes sugam a vida para sustentar o sistema na época
> (SEELY, 2017).

Consideramos que a revolução haitiana ou a revolução de Santo Domingo tem lugar nos grandes anais sociais do auge da humanização, um povo empático que lutou por um sonho universal, partilhou o sabor do sal da liberdade em todos os cantos coloniais, nos lábios dos escravizados, contra a injustiça desumana dos brancos feita a negros. O Haiti é o símbolo de resistência e liberdade para os Direitos Humanos e o primeiro país do mundo que questionou a atrocidade e barbaridade dos brancos sobre o homem negro no mundo aparentemente civilizado.

Para conceitualizar a revolução no Haiti, é importante revisar a organização social dos negros. Um escravizado emancipado é um escravizado inferior que seguiu rigorosamente as diretrizes de seu proprietário na colônia, que se destacou em suas tarefas, que monitorou atentamente as áreas de cultivo para impedir que seus companheiros escravizados escapassem, alertando seu senhor ao perceber qualquer tentativa de fuga. Todas essas condições foram fundamentais para que esse escravo alcançasse a liberdade.

Os escravizados rebeldes denominados *bossales* foram esta categoria radical que conspirou nesta insurreição universal, construindo uma egrégora de liberação contra o sistema escravagista que desumana suas existências. Eles entravam em rebelião, organizavam fugas pelas montanhas, queimavam as plantações, envenenavam os rios. A metrópole começou a ter problemas com os danos físicos devastadores repetidos na colônia de Santo Domingo (Haiti) e a paz não se reestabeleceu.

Os fatos primordiais que conduziram a esta rebelião foram os seguintes: a língua como um instrumento de opressão, por isso na chegada dos escravizados na

colônia, houve a interdição do escravo de falar em sua língua de origem, interdição de praticar sua religião, além de estamparem o novo nome dado ao escravo com ferro quente em seu corpo, os escravizados vindos da colônia foram batizados pelo Catolicismo.

> A língua, a crença e o nome do escravo são as primeiras marcas identitárias do escravo. Interditar o escravo negro de falar sua língua, de acreditar em sua crença e de trazer seu nome de nascimento, é negar ao sujeito sua ontologia natural (SEELY, 2017).

Todas estas violências descritas pelo Código Negro constrói a desumanização do ser negro, tratado como objeto pelo mestre opressor. O Código Negro foi um conjunto de regras e princípios que descrevem passo a passo o escravo negro como sendo um sujeito de não direitos, o menor sinal de desobediência resulta na morte trágica do escravo.

Este código foi considerado como um espelho ontológico para desnaturar o negro escravo, desconstruindo seu ser para formatá-lo a obedecer ao seu mestre branco. Ademais, serviu como um instrumento psicológico para adoecer o escravo negro para que o sujeito tenha medo de olhar seu mestre. O medo em si é um comportamento de fraqueza que descontrói a razão de seu ser, construindo aceitação a tudo fazer, torna a pessoa em um vulnerável, um objeto ou um nada social.

Este medo se espalhou no seio das colônias como estratagema para controlar a psicologia coletiva dos escravizados. Apesar dos princípios do Código Negro, os escravizados construíram uma língua e uma crença. As duas precedentes são ordens metafisicas e cosmogônicas que suscitam várias perguntas no pensamento do Ocidente. A língua falada por haitianos é o crioulo haitiano e sua religião é o vodu.

A religião dos escravizados de Santo Domingo foi a pura religião que questiona a racionalidade do mal infligido pelos colonos com um deus branco que ri com seu sofrimento.

Para mim, esta revolução teve uma natureza metafísica fundamentada no amor, na equidade e na verdade, pois o sistema de escravidão era um aparelho completo com todos os elementos necessários para submeter o negro.

Negro dos Céus
Em nome do Pai negro
Em nome do Filho negro
Em nome do São Espírito negro
Eu te digo obrigado

Para este belo abrigo
Apesar das marés e vento
Neste sol quente branco
Eu torno um objeto de censura
Sobre os raios amarelos
Ouve a minha voz em perigo
Álcool e drogas me coram no dia
Mostre-me o caminho da razão
Porque eu levo uma vida de guerra
Eu cultivo a miséria no dia
Eu coleciono o luto no verão
Eu sou muito jovem para ser velho
Ajude a minha família no perigo
Diante da estátua de São Denden
Amém
(SEELY, 2017).

Neste texto, podemos entender a busca de uma *imago dei* do homem negro como refúgio espiritual. O branco tem sua *imago dei*, um deus branco como Salvador, para apaziguar o negro no rumo ao sofrimento.

Consideramos que a revolução haitiana, com uma sólida base espiritual, finca um questionamento na memória dos opressores, já que os escravizados de Santo Domingo utilizaram o amor, a justiça e a verdade para libertar seu corpo natural da escravidão. A independência do Haiti surgiu entre grandes polêmicas e deixou um desafio na história da escravidão de outros países. No século XIX, a arma de Napoleão Bonaparte foi a mais poderosa do mundo, e ainda assim o Haiti venceu. Segundo o historiador haitiano Wesner Emmanuel (1976), esta conquista envolveu grandes insurreições, dentre elas a de Vertières (cidade haitiana onde aconteceu a última batalha de independência do Haiti contra Napoleão Bonaparte), em 18 de novembro de 1803, que colocou fim ao sistema da escravidão europeia.

No livro "Os Jacobinos Negros" Cyril Lionel Robert James (2010) destaca a Proclamação da Independência do Haiti como um marco histórico fundamental, ocorrida em 1º de janeiro de 1804, na cidade de Gonaives. Este ato representou a culminação de uma luta revolucionária liderada por escravizados contra o sistema colonial francês, tornando o Haiti a primeira república negra do mundo e a única revolução de escravizados bem-sucedida.

Entretanto, James (2010) argumenta que, apesar dessa vitória emblemática sobre a opressão colonial, o Haiti enfrentou desafios internos significativos desde a sua independência. Dentre estes problemas, o autor enfatiza a questão da política agrária como o mais grave e persistente. A maneira como a terra foi distribuída e organizada após a independência não atendeu às necessidades da maioria da

população, composta por ex-escravizados. Em vez de promover uma distribuição equitativa e o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, as políticas implementadas perpetuaram a concentração de terras e não romperam com as estruturas de exploração que marcaram o período colonial.

Consequentemente, esta má gestão da questão agrária, segundo James (2010), desencadeou um ciclo de pobreza e acentuou as desigualdades sociais, um problema que persistiu ao longo da história do país e continua a ser um desafio significativo até os dias atuais.

2.1 Haiti na cronicidade das crises sociais

Contextualizamos o Haiti na conjuntura de crises crônicas, sendo um país atormentado pela adversidade social catastrófica dos políticos corruptos, do nepotismo à perversa indiferença dos letrados, da ditadura à democracia representativa, um otimismo fluídico perturba o sonho letárgico do povo cansado desde o bicentenário independente; virou-se negro-esfera ou bastão da liberdade dos negros no mundo.

Entre 1804 e 2020, o Haiti teve 52 chefes de Estado, um número que por si só já indica a instabilidade política do país. Apenas 25% deles conseguiram completar seus mandatos, enquanto a maioria enfrentou destinos turbulentos: 54% foram depostos e exilados, 8% foram assassinados e 9% morreram no cargo. Esses dados revelam um histórico de extrema fragilidade institucional e violência política que permeia a história haitiana desde sua independência (PENN, 2020).

Segundo minha observação, podemos configurar o sistema sociopolítico haitiano assim:

1) A comunidade internacional tem função de observadora do caos social no Haiti e de ingerência estrangeira rumo à extinção do ser haitiano.
2) Os oligarcas (mulatos) são os ditadores econômicos, eles controlam a política e financiam violências contra o povo quando seus interesses são ameaçados. Eles financiam manifestações nas ruas contra o presidente que queira trabalhar pelo povo haitiano.
3) Os negrocratas são grupo de homens e mulheres políticos haitianos que enviam sua família para o exterior para viver bem com dinheiro da corrupção e usam a política como uma ferramenta financeira para zumbificar seus

próprios irmãos e irmãs haitianos no Haiti carente, pelo interesse do Ocidente e dos corruptos oligarcas mulatos sírio-libaneses, para que possam manter o país inteiro na miséria social, para que jovens homens e mulheres nunca se sintam confortáveis no Haiti. Eles facilitam a docilidade popular para que os oligarcas possam controlar a economia. Eles trabalham contra o progresso social e pelo interesse da classe branqueada.

4) Os perigosos (gangues) são os rebeldes que entendem o sistema parasitário do país e utilizam violência contra a população para sustentar a classe política e econômica. Eles são os marginalizados, a maioria são militantes políticos que trabalham pelos políticos corruptos para fraudar eleições com violências.
5) Os aceitadores são o povo que desfruta a miséria social.

Esta apresentação significa que os negrocratas têm o poder de manipular o povo a favor dos interesses dos oligarcas e pela comunidade internacional, sendo a mão invisível para impedir que o Haiti progrida. Eles controlam as ações das gangues nas eleições para criar turbulências sociais no país. Por isso, o Estado em si é inconsciente. A democracia no Haiti está em decadência.

Para Roromme (2021), a violência não é uma patologia do povo haitiano, nem consequência de um pacto com o diabo, nem a má gestão de sucessivos governos. Ela é produto do legado social, político e econômico do Haiti como uma antiga colônia escravista, cujo território era repleto de recursos cobiçados. A autora enfatiza a pesada dívida da independência imposta pela França e a hierarquia racial herdada da colonização francesa que foi transformada em uma divisão social estruturando as relações entre “mulatos” e “negros bossales”.

Em vez disso, neste contexto, a autora nega as responsabilidades do Estado, que tem o poder para desenvolver o país. No entanto, de acordo com os dados de Transparência Internacional, no ano de 2024, o Haiti figurou na 168ª posição entre 180 países avaliados, indicando um nível de corrupção muito alto. A corrupção impacta diretamente a habilidade do Estado haitiano de prover serviços fundamentais indispensáveis, tais como saúde, educação, saneamento e segurança. Isso leva a população haitiana a viver em condições de extrema pobreza, insegurança alimentar, falta de acesso aos direitos básicos e, portanto, migrar para outros países.

Podemos concluir que, a partir de uma percepção holística, a corrupção é a principal fonte de toda essa violência no Haiti. Todos os políticos haitianos criam sua riqueza a partir da pobreza haitiana e desnaturalizam o corpo negro haitiano para transformá-lo em um instrumento político e econômico. Citamos casos de corrupção, tais como: o processo do Fundo Petrocaribe de US$3,8 bilhões que envolveu quatro chefes de estado haitianos e seis governos; o dinheiro envolvendo o furacão de Jeanne que devastou a Cidade Gonaives em 2004; e, o mais recente, o dinheiro da reconstrução do Haiti depois do terremoto de 2010.

Frédéric Thomas (2019) enfatiza que a corrupção não é um defeito ocasional, mas uma parte fundamental da forma como o governo opera no Haiti. Ele sugere que a corrupção está tão enraizada que se torna uma característica estrutural do sistema político haitiano, usada para manter o poder e a riqueza. Isso significa que combater a corrupção no Haiti exigiria mudanças profundas na própria estrutura do governo, em vez de apenas punir indivíduos.

Considerando que a crise do Haiti é crônica, ou seja, é um povo reprimido pelo caos do Estado, os dias se tornam difíceis, a luta é luto, a alfabetização é luxo; saber ler e escrever é uma utopia da classe proletária, a saúde pública é uma calamidade social lamentosa, a nação em si carece de vitalidade. A política nacional é inexistente e é ocupada por pessoas corruptas que lucram com os votos da população.

A empatia social no país caminha rumo à desunião. Cada haitiano constrói seu próprio medo. Este medo é mais grave que a insegurança social, crimes e violações. Este medo é caracterizado por fetiches demoníacos, em que o haitiano joga praga para seu próprio irmão para depois vender a terra dele ao fazendeiro para que este a cultive (zumbis). O direito à vida no Haiti é sinônimo de “fèt nan gran Lakou”, ou seja, “nascer numa grande habitação mística”. Isto cria um grande problema social.

Ao somar todos estes conflitos, problemas sociais, tem-se um clima inseguro para haitianas e haitianos que passam a buscar a vida nos países vizinhos. Segundo Nicole Wilson (2024), “nunca é do interesse ocidental que o Haiti tenha sucesso, porque um Haiti próspero seria um golpe na narrativa da supremacia branca”. Podemos notar que a categoria de haitianos que busca se livrar da miséria do país são negras e negros.

No entanto, o país também tem outras pessoas de cor. Quantas vezes, ao observamos o fenótipo dos haitianos que entram aqui no Brasil em busca de uma vida mais sustentável, achamos um haitiano de outra cor?

Por isso, constatamos que o Haiti existe sob uma ditadura econômica criada pelos oligarcas brancos e pelo Ocidente para extinguir o negro haitiano do espaço geográfico da América.

Considerando a história mundial gloriosa do Haiti contra a escravidão, reconhecida como a primeira república negra independente do mundo, o país possui um passado profundo e intrincado, caracterizado por batalhas em prol da liberdade e da equidade social. Contudo, suas expectativas muitas vezes têm sido impedidas por elementos políticos, econômicos e sociais desestabilizadores. Desde a revolução que ocorreu em 1804, o Haiti enfrentou diversas crises políticas que influenciaram sua instabilidade presente. As intervenções de outros países, regimes autoritários e a corrupção têm impactado o panorama político haitiano, tornando a administração e o progresso econômico desafiadores.

2.2 Educação no Haiti

Em uma breve recapitulação histórica, em ordem cronológica, o sistema educativo haitiano passou por três períodos: antes da ocupação estadunidense (1860-1913), durante a ocupação (1915-1934) e pós-ocupação (1935 até o hoje). Durante estes períodos, constatamos que o sistema educativo haitiano sofreu múltiplas reformas.

A educação é um direito fundamental para todos de acordo com a constituição haitiana de 1987, que estipula no artigo 32 que: 1) o Estado garante o direito à educação, assegurando a formação física, intelectual, moral, profissional, social e cívica da população; 2) a educação é uma responsabilidade do Estado e das autoridades locais, ou seja, a escola deve ser acessível a todos gratuitamente, e deve-se garantir o nível de formação dos professores dos setores público e privado; 3) o ensino primário é obrigatório, sob pena de sanções a serem determinadas por lei, assim como materiais didáticos e pedagógicos devem ser disponibilizados gratuitamente pelo Estado aos alunos do ensino primário.

Na história do contexto educativo haitiano, em tempos remotos, o acesso às escolas públicas no Haiti foi destinado aos filhos dos funcionários do setor público do país. O sistema educativo mudou de diretiva social com a Concordata de 1860, em que o Estado assinou um tratado com a igreja Católica para influenciar a educação do

país e evangelizar o povo. Este tratado alienante provocou importante escassez de escolas públicas, já que os pais da classe média matricularam seus filhos nas escolas católicas para receber uma educação religiosa. A partir daí, as escolas públicas do Haiti se tornam um espaço para acolher os filhos de pais em vulnerabilidade.

No Haiti, o acesso à educação é um dilema social e não é para todos. A miséria social e a má governança política são os fatores primordiais que produzem a falta de acesso à educação no país. A ausência do Estado cria um mercado educativo desordenado pelo setor privado, a educação parece um luxo para aqueles que têm condição econômica no país. Uma educação baseada em discriminações de classes sociais entre o ensino público e privado.

A base sistêmica social do país deriva do desconforto educativo que deseduca e divide o haitiano para não amar seu país. Uma pedagogia subalterna para formatar a criança haitiana à submissão, um ensino que não está em diapasão com os nutrientes socioculturais necessários ao povo haitiano. O aluno haitiano se encontra entre uma pedagogia alienada e uma pedagogia social que ele enfrenta diariamente. Portanto, isto provoca a desconstrução da ontologia haitiana uma vez que o aluno haitiano aprende fora de seu contexto social. Os negrocratas políticos haitianos são os verdadeiros espécimens sociais para entender como é o sistema educativo dos intelectuais haitianos, eles são os maiores corruptos, antiéticos.

Podemos observar que o sistema educativo haitiano tem dois setores: formal e não formal. O setor formal tem quatro níveis: educação pré-escolar; ensino fundamental; ensino médio; ensino superior. O setor não formal tem dois níveis: alfabetização e pós-alfabetização dos adultos com idade de mais 15 anos. Em conformidade com o Ministério da Educação Nacional e Formação Profissional do Haiti, o Ensino Fundamental começa a receber as crianças a partir de seis anos. O plano escolar fundamental dura nove anos com três ciclos: primeiro ciclo fundamental de 4 anos; segundo ciclo fundamental de 2 anos; terceiro ciclo fundamental de 3 anos.

O acesso à educação para todos no Haiti como direito fundamental é um desafio e uma ilusão social para o Estado. As desigualdades não param de aumentar no cotidiano haitiano. Segundo um levantamento realizado pela Unicef em 2017, duas crianças entre dez, com idade de 6 a 11 anos, não têm escolarização no país. O número de crianças não matriculadas na escola primária é lamentoso e mais desastroso na região rural.

A educação pré-escolar, que acontece nas chamadas creches, não é obrigatória e é destinada para crianças de três a cinco anos. O efetivo de alunos numa turma de escola privada ou pública pode chegar até 40 crianças.

Hoje, podemos observar que o Haiti enfrenta grandes problemas político-sociais que afetam o sistema educativo do país. As turbulências políticas e as violências das gangues armadas restringem a vida social. Os atos de terror repetidos no cotidiano haitiano provocam o fechamento de escolas e hospitais, o exílio forçado dos cidadãos, a imigração do haitiano e a paralisia da vida nacional.

Entre as cenas de violências repertoriadas no contexto social haitiano, cometidos por grupos armados, podemos citar: tiroteio, abuso sexual, roubo, vandalismo sobre o setor privado e sequestro. O sequestro é o flagelo mais doloroso e desumano e se torna uma empreitada econômica. O sequestrador define um valor de resgate para cada classe social, se a família não tem este dinheiro solicitado, isso significa a morte do inocente sequestrado. No país, a cultura da morte predomina sobre a vida do cidadão honesto.

Em conformidade com o levantamento da Unicef (2023), sobre as represálias das gangues ao sistema educativo haitiano, o ano de 2023 foi nove vezes mais violento, com mais escolas ocupadas pelas gangues, escolas incendiadas e os alunos perderam, em média, um dia e meio de aula por semana.

Na vida social, o ser haitiano é privado dos nutrientes básicos para sua construção social. Segundo Paulo Freire (1987), no livro “Pedagogia do Oprimido”, o autor postula uma visão transformadora da educação, na qual o processo educativo não se limita à mera transmissão de conhecimento, mas engendra uma profunda mudança no indivíduo. Podemos falar de mudança e transformação social para um outro Haiti quando o abandono escolar e a cronicidade de violências, que se naturalizam como virtude social na realidade haitiana, pararem de crescer.

O abandono escolar não é um fenômeno social registrado apenas no Haiti, ele é um fenômeno mundial. Porém, o caso do Haiti é mais grave porque ele está ligado a um Estado fraco que desgoverna, no qual a corrupção, a criminalidade e a injustiça são flores para embelezar os políticos com os votos do povo.

A respeito dos fatores que provocam este abandono escolar, podemos citar as variáveis macrossociais: insegurança alimentar, insegurança social, instabilidade política, pobreza crônica dos pais, taxa de desemprego e o ambiente da familiarização do aluno.

A insegurança alimentar é o principal fato que suscita o abandono escolar no país. Vivi e testemunhei o Haiti. A fome no país é uma realidade social e o povo não se alimenta bem, em conformidade com os parâmetros nutricionais. Os pais estão empobrecidos e não têm condições financeiras para fazer compras durante o mês. Ademais, o Estado não cria políticas sociais para favorecer os mais vulneráveis. Na região rural, os filhos dos agricultores ajudam seus pais para apaziguar a fome amarga do verão. Mesmo se existissem mais escolas gratuitas no Haiti, como os pais poderiam mandar seus filhos para escola se as crianças os ajudam a cultivar a terra e a terra é único meio de subsistência econômica para sobreviver?

Observei as vezes que os pais querem que seu filho seja matriculado numa escola pública, mas a criança estuda por um período e depois larga por causa da fome. Quando a criança fica em casa, ela pode ir até um tio, tia ou vizinho para encontrar algo para comer. Esta é a convivialidade derivada de uma herança ancestral "Lakou", o lakou não vê fronteira nas paredes de tijolos ar(a)mados, como na região urbana que constrói o medo social do outro, mesmo o outro sendo seu irmão.

Basicamente, na maioria das escolas públicas, os alunos não têm acesso a um almoço gratuito. Esta insegurança alimentar é o fator mais lógico que expulsa o aluno haitiano do ambiente escolar. Portanto, o acesso à educação no Haiti não é majoritariamente público.

Além disso, a fome, violências, manifestações nas ruas contra o governo corrupto, a instabilidade política crônica são os variados fatores que contribuem para a incapacidade da aprendizagem do aluno haitiano até o abandono escolar.

2.3 A língua francesa no sistema educativo haitiano: instrumento de alienação

No Haiti, existe um problema linguístico na aprendizagem. Os haitianos não falam a língua francesa, mas aprendem a falar francês. A língua materna dos haitianos é o crioulo. Podemos constatar que existem dois Haiti no Haiti; um Haiti onde os mulatos e negrocratas (negros intelectuais subalternos) falam francês, seguido de um Haiti miserável, em penúria nas favelas (geralmente em todas as cidades do país), que fala crioulo, que reza a um deus e acredita que seu sofrimento vem do Diabo.

Neste contexto, a língua oficial dos haitianos é o crioulo haitiano porque a língua faz parte da ontologia haitiana quando é feita uma releitura histórica desse povo. Além

disso, é muito complexo dizer que a língua oficial dos haitianos é a francesa. Esta herança linguística colonial vem dos filhos mestiços (mulatos) e os "escravizados domésticos" que tinham privilégios na colônia. Os escravizados bossales, chamados rebeldes, não falavam francês, eles construíram uma contracultura ao sistema colonial, que tinha todos seus aparelhos e infraestrutura ideológicos para desumanizar o homem negro, reduzindo-o a nada.

A perspectiva de bell hooks (2017) acerca da colonialidade linguística, compreendida como um mecanismo de opressão, oferece um arcabouço teórico relevante para a reflexão sobre a realidade do Haiti. Na colônia de Santo Domingo, existiram normas e regras, como o famoso texto monstruoso do Código Negro, que foi um nutriente venenoso para destruir o homem negro africano nos campos de cana-de-açúcar. Os escravizados saíram de povos diferentes, esta diferença regional trouxe uma língua diferente e deu a vantagem aos colonizadores porque os escravizados não podiam se comunicar. A imposição da língua francesa esteve também entre os castigos.

Portanto, a língua francesa no Haiti é um luxo de conforto social e intelectual. Falar francês no Haiti é considerado como um saber, uma sabedoria do ser haitiano. A maioria da população se comunica em crioulo, pouca gente fala francês, apenas entre os mestiços e os intelectuais. Além disso, a língua desempenha um papel na filosofia social como o primeiro instrumento social para pensar.

Segundo minha vivência no Haiti, o ensino educativo é feito em francês, os livros didáticos e pedagógicos são escritos em francês. Se o crioulo haitiano for falado nas aulas, o professor dá ao aluno uma punição. Os pais têm dificuldades para fazer o acompanhamento de seus filhos na aprendizagem escolar, porque o direito básico à linguística materna não existe. Os professores têm pouca formação, a maioria não fala bem francês. Daí, observamos a colonização mental via língua francesa no ambiente escolar do Haiti, já que a língua materna é o primeiro instrumento para pensar.

Da mesma forma, recapitulamos a ausência da língua crioulo durante a cerimônia de independência do Haiti, considerada como a primeira falha histórica que afeta o país até os dias atuais. Portanto, é importante situar as reflexões históricas dessa revolução e os interesses de cada grupo, incluindo tanto os negros quanto os mulatos. Como vimos anteriormente, os escravizados dos campos não tinham o mesmo pensamento dos mulatos e os escravizados domésticos. Os escravizados dos

campos lutaram para renunciar radicalmente a todos os traços e práticas dos colonizadores, mas os dois outros grupos sociais, que receberam educação e privilégios na colônia, lutaram para assumir o lugar confortável do colonizador. Assim, o primeiro documento oficial do país foi redigido em francês, ou seja, um ato de colonização linguística, que é considerada um fiasco na formação educativa do aluno haitiano. Por outro lado, a língua materna é uma ferramenta indispensável para a criança.

Esta forma de alienação linguística precipita o país em um marasmo divergente que cria mais desigualdades sociais. E os intelectuais haitianos não estudam no sistema educacional do país, trazem suas teorias das universidades ocidentais para serem aplicadas no Haiti, teorias que não são aptas para a antropossociologia haitiana.

Assim, a língua francesa no ambiente escolar do Haiti representa um instrumento perigoso para alienar o aluno haitiano. Isso provoca desafios na aprendizagem, desempenho insatisfatório nas escolas e falta de motivação entre os estudantes, em razão da diferença linguística e cultural, já que ela serve para formar pessoas conformistas e incapazes de pensar sobre a realidade social em que se encontram.

Consideramos que a língua é um instrumento ontológico e metafísico. Ela é uma construção social e representa uma identidade cultural. Os escravizados dos campos conseguiram criar o crioulo haitiano entre eles e este foi o primeiro passo da revolução haitiana, porque eles encontraram uma maneira para se comunicar e para conspirar a insurreição e a rebelião geral até a Proclamação da Independência do Haiti, a primeiro de janeiro de 1804.

2.4 Escola Municipal Tibeau no Haiti: uma referência do caso analítico para comparação

Para bem ilustrar o contexto social da educação no Haiti, coletei dados e entrevistei o diretor de uma escola pública chamada Escola Nacional Tibeau, localizada na cidade de Dessalines. Escolhi Dessalines por sua história, considerada como a primeira capital imperial dos negros do mundo, quando o assunto é a Liberdade dos Negros. A cidade foi batizada com o nome de Jean Jacques Dessalines, filósofo guerreiro contra o sistema colonial, o Pai da nação haitiana.

A cidade de Dessalines tem uma superfície de 471 km^2, ela é uma comuna do departamento de Artibonite, que se localiza no Sul Oeste da cidade de Gonaives. Ela se divide em seis sessões comunais e 256 localidades. O principal potencial econômico da região é a agricultura, com o cultivo de arroz, tomate, cebola, quiabo. Os sítios históricos são marcações importantes que atraem os turistas.

Sobre o sistema educativo, a cidade de Dessalines é dotada de um colégio público para receber estudantes que se matriculam no 7º ano do fundamental até o Ensino Médio, com poucas vagas. Há escolas privadas e escolas municipais até o 9º ano do fundamental.

Além disso, há falhas pedagógicas na formação dos educadores, a grande parte dos indivíduos que se tornam educadores não se prepara para ensinar; após completarem o ensino médio, lecionam para garantir sua subsistência. Por isso, as ONGs internacionais, como a Save the Children, oferecem formações pedagógicas complementares a alguns formadores da região, relatou o diretor.

Em conformidade com os dados da Unicef (2017), o sistema educativo haitiano tem graves problemas em relação a formação de educadores, 85% dos educadores haitianos do Ensino Fundamental não possui uma formação adequada para dar aulas às crianças.

Segundo o diretor Dieu (2022), a escola Nacional Tibeau, fundada em 2002, atende do 1º ao 6º ano do fundamental. Os pais mandam as crianças para escola, mas às vezes os alunos faltam alguns dias de aula para ajudar seus pais a cultivar a terra ou vender os produtos das colheitas no mercado:

> Na minha escola, os alunos beneficiam-se da cantina escolar gratuita com o apoio de uma organização local, a BND (Bureau de Nutrition et Développement). Não recebemos apoio do Estado, somente um apoio financeiro para comprar alguns materiais, como: giz, materiais pedagógicos, cadernos. Tem mais de dois anos que o Estado não fornece este dinheiro. Antes, o Estado fornecia material didático para as crianças, mas tem mais de três anos que as crianças não recebem livros. A escola não tem orçamento para garantir materiais didáticos ou uniformes gratuitos aos alunos matriculados. As despesas da entrada escolar são sempre assumidas pelos pais que já estão numa situação precária de vulnerabilidade social (DIRETOR, 2022).

Além disso, o diretor reafirma as dificuldades e os desafios que a instituição enfrenta desde sua fundação até hoje:

> Na escola, os alunos não têm laboratório de informática, biblioteca e energia elétrica. Porém, temos uma estrutura de gestão participativa denominada Conselho

> Escolar, formada por pais, representantes dos educadores, o diretor, um representante dos alunos e um notável da região. Para comunicação com os pais, utilizamos chamada telefônica. Na escola Tibeau, a tradição do aluno memorizar a lição é um sinal que demonstra a facilidade do Sistema Educativo haitiano (DIRETOR, 2022).

Segundo o diretor (2022), os professores sempre fazem o recital das lições que eles darão aos alunos para estudar em casa. Os livros dos alunos são em francês, mas os educadores ensinam em crioulo, o que causa dificuldades na aprendizagem do aluno, já que nem o educador, nem os pais dominam a língua francesa adequadamente para que o aluno seja educado em francês.

A respeito do esporte como atividade física que contribui para o desenvolvimento do aluno, conforme programa do Ministério da Educação Nacional, as escolas devem ter espaços para os alunos praticarem esportes. Porém, a escola não tem educadores físicos que tenham formação neste ramo profissional, apontou o diretor. Então, os alunos jogam futebol sozinhos e as alunas brincam de pular corda durante o recreio.

A avaliação escolar dos alunos é trimestral, desde o primeiro ano fundamental. O ano letivo escolar começa em setembro e termina em junho. Um aluno que tem a média total menor que cinco de dez é reprovado. Não existe reforço especial para os alunos que estão com dificuldades para aprender.

Na escola Tibeau, a questão de bullying e discriminação não são tabus, mas o Estado não define políticas educacionais de inclusão para frear este fenômeno. O estudo de caso na Escola Municipal de Tibeau é uma amostra da realidade de, basicamente, todas as escolas municipais do Haiti. Um país onde o Estado é ausente e a corrupção prevalece. Por isso, o sistema educativo haitiano não oferece uma educação de qualidade.

Para remediar essa situação lamentosa, o Estado deve investir na formação dos educadores, os livros didáticos dos alunos devem ser escritos em crioulo, e é preciso ajudar os pais mais vulneráveis, além disso todas as escolas devem seguir o mesmo programa escolar definido pelo Ministério da Educação, que deve disponibilizar instrumentos para que os inspetores escolares fiscalizem as escolas.

Figura 2 - Escola Tibeau no Haiti

Fonte: pesquisador (2022)

A figura acima mostra a realidade do ambiente escolar no Haiti. Basicamente, todas escolas públicas sofrem a mesma crise que a escola de Tibeau. O espaço não é apropriado, as paredes não foram pintadas, não têm guarda-volumes para os professores, os bancos vão dar aos alunos problemas de coluna. A arte do ambiente da sala sincroniza com a fragilidade do ensino no país.

De tudo o que notamos no sistema educacional haitiano, observamos que as crianças são muito frágeis no ambiente escolar. Por consequência, já que os pais não têm meios para sustentá-las, isso provoca um abandono considerável. É possível observar a ausência do Estado haitiano, que deveria ser um aparelho desenvolvedor para criar acesso integral à educação a todas as crianças, em conformidade com os tratados internacionais sobre o acesso à educação e a constituição do país.

Ademais, no momento atual, a crise política engendra a crise social que afeta toda a população haitiana e gera medo social no cotidiano e amplifica mais a miséria e a calamidade. Além disso, a maioria das famílias haitianas não têm sequer condições econômicas suficientes para mandar as crianças para a escola.

CAPÍTULO 3 – A PRESENÇA DOS HAITIANOS NO BRASIL

A vinda dos migrantes haitianos para o Brasil tem muitos aspectos. O futebol é um elemento que faz com que os haitianos se tornem admiradores do Brasil. Em 2004, com a presença da Minustah no Haiti, a relação entre Brasil e Haiti ganhou um novo patamar, após o golpe que depôs o presidente Jean-Bertrand Aristide em 29 de fevereiro de 2004, quando o país foi dirigido por um governo interino. Observou-se uma forte ação da ONU para estabelecer a paz no Haiti, em 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança da ONU aprovou a Resolução 1542, que culminou na criação da Minustah (FILHO, 2007).

O Brasil, vendo nessa missão uma oportunidade de atuar na manutenção da paz, prontamente concordou em enviar tropas. Essa participação estava alinhada com o objetivo do Brasil de conquistar um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, o que exige a demonstração ativa de sua cooperação e engajamento na preservação da paz. Além disso, o país buscava contribuir para o avanço das questões de segurança internacional e desenvolver formas eficazes de proteger civis em situações de risco, o que também motivou sua presença no Haiti (ONU, 2004).

Segundo um artigo publicado pelo portal Metrópoles, o 18 de agosto de 2004 foi uma data importante para as relações entre Haiti e Brasil, apontou o presidente Lula na época, que estava presente no jogo pela paz no Haiti em 2004, em que o Brasil venceu o Haiti por 6 a 0.

Este processo migratório dos haitianos ao Brasil é um fenômeno recente e possui um grande impacto, tendo se intensificado consideravelmente após um terremoto que devastou o Haiti em 12 de janeiro de 2010. Esta calamidade, aliada à contínua instabilidade econômica, social e política do país, levou muitos haitianos a procurar refúgio e novas possibilidades em outros países, sendo o Brasil um dos destinos mais importantes.

Para Cédric Audebert (2012), o fluxo migratório haitiano para outros países teve início a partir dos anos 1960, sob o regime ditatorial de Duvalier. Esse período foi marcado pelo totalitarismo, intensas turbulências políticas e o uso da tortura pelo governo. A liberdade de expressão foi suprimida e o caos social tomou conta do país. Neste cenário, muitos haitianos buscaram exílio, principalmente na França e nos EUA.

Sobre as rotas ilegais usadas pelos haitianos para chegarem ao Brasil, há uma lacuna entre as narrativas sobre estas trajetórias de migração e a realidade vivenciada pelos próprios migrantes haitianos.

Muitas vezes, os relatos podem omitir nuances importantes, enquanto a perspectiva do migrante haitiano oferece um nível de conforto e autenticidade inigualável. Um exemplo disso é a questão da língua. Quando questionados sobre os idiomas que falam, os migrantes haitianos frequentemente afirmam categoricamente que dominam francês e crioulo. No entanto, um pesquisador que tente se comunicar em francês pode descobrir que o migrante haitiano tem dificuldade em responder, evidenciando uma tendência a exibir orgulho, mesmo diante de uma realidade linguística diferente.

Da mesma forma, alguns migrantes haitianos podem distorcer os motivos de sua saída do Haiti nos relatos, afirmando que a realidade se deu exclusivamente por causa do terremoto. Contudo, a realidade é mais complexa, e outras razões podem ter influenciado a decisão de migrar, sendo a miséria social é o motivo preponderante que compele o negro haitiano a buscar um refúgio nos países vizinhos.

Para contextualizar as rotas ilegais, compartilho minha própria vivência com essa travessia perigosa: primeiramente, o migrante haitiano necessitava de um visto da República Dominicana para entrar de forma legal no país vizinho, considerando que a República Dominicana possui uma fronteira terrestre com o Haiti (travessia terrestre). Em seguida, o migrante haitiano precisava pagar a um raketè[5] pelo menos três mil dólares para planejar sua viagem (passagem aérea de ida e volta, reserva em hotel) a fim de entrar pelo Equador, além de precisar ter ao menos 200 dólares para justificar sua estadia no país, caso o agente de migração do Equador solicitasse.

Nesta época, para entrar no Equador, o migrante haitiano não precisava de visto. Para favorecer esta rota ilegal, os raketè haitianos subornavam os agentes da migração equatoriana.

Antes, o Equador oferecia aos migrantes haitianos uma residência temporária de dois anos, permitindo que pudessem trabalhar. Eu tenho uma cunhada que havia obtido esta carta de residência, embora seu real desejo não fosse permanecer lá.

---

5 Raketè é uma expressão utilizada na cultura popular do Haiti, referindo-se a indivíduos ou grupos que obtêm dinheiro de outros para prestar serviços de maneira ilegal com a intenção de ganhar dinheiro.

Então, ela optou por se deslocar para o Brasil. No Equador, a moeda utilizada é o dólar americano. Naquela época, um botijão de gás era vendido por 2 dólares. Minha cunhada estava empregada em um restaurante, seu salário era próximo de 300 dólares por mês.

O Equador servia como um ponto onde os raketè haitianos e peruanos lucravam. Para que os migrantes haitianos chegassem ao Brasil, era necessário que eles passassem pelo Peru.

Lembro que, ao chegar na fronteira entre o Equador e o Peru, vi um mercado onde estes dois países realizam trocas comerciais. Havia um grupo de raketè peruanos que, ao perceberem que éramos haitianos, se aproximaram e afirmaram que iriam nos deixar passar sem a intervenção da polícia, permitindo que pegássemos um ônibus. O raketè pediu 100 dólares americanos de cada um de nós e o ponto para embarcar no ônibus ficava a menos de 200 metros da fronteira. Nós pagamos os 200 dólares, meu amigo foi com o raketè peruano e eu aguardei a minha vez. Foi então que avistei meu amigo retornando, o raketè pediu desculpas e sugeriu que a polícia o revistasse, o que resultou no roubo de seu dinheiro. Felizmente, meu amigo havia escondido parte do dinheiro no cinto da calça, assim, os policiais não conseguiram levar todo seu dinheiro.

Quando os migrantes haitianos estão nestas rotas ilegais, eles experimentam um alto nível de estresse, desde quando avistam a polícia até a verificação do transporte. Eu passei duas semanas dentro de um ônibus sem tomar banho para chegar a Puerto Maldonado, um local no Peru onde os migrantes haitianos frequentemente realizavam sua última pausa para pagar um raketè que os transportasse para o acampamento de refugiados nas fronteiras do Brasil, no Acre.

Na verdade, o valor pago pelo migrante haitiano ao raketè raramente era gasto por completo na viagem. Em vez de utilizar os US$3.000,00 para passagens de ida e volta, os raketè costumavam comprar apenas uma passagem de ida, que custava em torno de US$400,00, e falsificavam os demais documentos, como reservas de hotel e as passagens de retorno.

Essa prática se tornou um negócio altamente lucrativo, o que levou os raketè a incitar os haitianos no Haiti a seguir este caminho ilegal. Um caso marcante é o de um migrante haitiano da cidade de Dessalines que, buscando esta rota, hipotecou sua casa e deixou sua esposa e seus dois filhos. Ele pagou US$3.000,00 a um raketè para vir ao Equador. No entanto, ao chegar ao Equador, sofreu um ataque de pânico ao

perceber que não conseguiria enviar dinheiro para quitar sua dívida, resultando na perda de sua casa.

De acordo com Lucien (2019), o mercado ilícito das travessias haitianas pelas fronteiras tornou-se altamente lucrativo para os coiotes. Essa rentabilidade foi impulsionada por uma coalizão entre coiotes e alguns agentes policiais peruanos de trânsito, transformando o sonho dos migrantes em uma jornada ainda mais turbulenta.

Segundo Elysee (2021), a trajetória para chegar ao Brasil foi dolorosa para os migrantes haitianos, tinha migrante que morreu nas travessias das águas de Iquitos, no Peru. O autor destaca que o percurso dos migrantes haitianos foi marcado por intenso sofrimento e perigos. Essa descrição é reforçada pela trágica realidade da perda de vidas durante as travessias, evidenciando os riscos extremos enfrentados por aqueles que buscavam uma nova realidade.

Para Silva e Macedo (2018), a primeira onda dos migrantes haitianos que vieram para o Brasil após o terremoto, entrou por meio de rotas terrestres na região Norte. De acordo com os dados fornecidos pela Coordenação Geral do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), entre o terremoto que atingiu o Haiti em janeiro de 2010 e setembro de 2011, houve um total de 2.186 haitianos que pediram refúgio.

No Brasil, os haitianos não são considerados como refugiados, de preferência são vistos dentro de uma migração humanitária. Para Seely (2017), o migrante haitiano se define como um "refugiado feijoada" para marcar a diferença em relação a outros migrantes no país. A concepção de refugiado feijoada é alguém que busca um refúgio nutritivo e encontra qualquer trabalho para ajudar a sustentar sua família no Haiti.

Segundo Seely (2017), "no Haiti não há guerra, porém existem conflitos entres as tripas na barriga do povo". O autor descreve o Haiti como um país enfrentando uma grave crise humanitária e socioeconômica, em vez de ser visto como um cenário de guerra tradicional. Ele aponta que, mesmo que não haja um conflito bélico formal, os habitantes estão sufocados pela violência da fome, da extrema pobreza e pela escassez de itens essenciais, o que provoca tumultos internos e um sofrimento que pode ser tão ou mais devastador que uma guerra real. Assim, destaca-se que a luta cotidiana do povo haitiano se dá contra a pobreza e suas consequências diretas para a vida.

A migração dos haitianos para o Brasil é fortemente motivada pela busca de oportunidades de emprego. De acordo com Jesus (2020), os haitianos que migram se

distinguem por serem pessoas focadas no trabalho. Segundo Cruz et al. (2023), as oportunidades de trabalho para esse grupo se iniciavam logo na chegada ao Brasil, com empresários organizando transporte para buscar estes trabalhadores no acampamento de refugiados no Acre.

> A parte mais triste na escolha dos empresários é que eles fazem triagem. Eles colocam todos os migrantes num círculo e o empresário está no meio, olha um por um para ver se o migrante é robusto. Entende-se que o migrante robusto é aquele demonstrando ter força porque será destinado ao trabalho que exige força física. Os migrantes mais robustos são escolhidos e só se o migrante é casado, ele pode levar sua companheira. Os empresários não escolhem as mulheres na sua seleção (ELYSEE, 2021).

A prática de seleção de mão de obra por parte dos empresários era profundamente problemática e desumana. A "triagem" descrita, em que migrantes haitianos são dispostos em círculo e avaliados visualmente por sua robustez física, revela um processo de desumanização. Nessa lógica, o migrante haitiano é visto apenas como um corpo capaz de produzir, e não como um indivíduo com necessidades e dignidade. A busca por "robustez" indica que esses trabalhos eram, em sua maioria, de grande exigência física, muitas vezes em setores como agricultura, construção civil ou frigoríficos.

Além disso, a seleção discriminava explicitamente as mulheres, que não eram escolhidas na seleção inicial e só podiam acompanhar seus companheiros se estes fossem selecionados e casados. Isso não apenas reforçava estereótipos de gênero sobre os tipos de trabalho considerados adequados para cada sexo, mas também criava uma barreira adicional para a migração feminina autônoma e para a reunião familiar, perpetuando a vulnerabilidade das mulheres migrantes. Essa prática demonstra uma preocupação exclusiva com a força de trabalho, desconsiderando as complexidades sociais e humanitárias da migração haitiana na época.

A prática de contratação por parte dos empresários explora diretamente a vulnerabilidade dos migrantes. Ao se depararem com indivíduos que não dominam o português nem conhecem a legislação trabalhista brasileira, esses empresários oferecem vagas com salários abaixo do mínimo nacional. Para atrair essa mão de obra, as empresas providenciam o transporte terrestre até o local de trabalho, muitas vezes por longos dias em ônibus precários, e um valor simbólico para alimentação. Cada grupo de migrantes selecionado é supervisionado por um líder, que serve de elo com o empresário e repassa informações sobre o grupo.

No entanto, alguns migrantes, já cientes dos abusos e explorações de certas empresas, optam por abandonar a jornada no meio do caminho, buscando abrigo com amigos ou familiares. Enquanto os migrantes enfrentam dias de viagem exaustiva por terra, os empresários voam confortavelmente para o destino, evidenciando a gritante disparidade nas condições de deslocamento e a exploração inerente a esse processo.

Com a finalidade de promover uma migração mais digna no Brasil por meio destas rotas arriscadas utilizadas pelos migrantes haitianos, o visto humanitário foi instaurado em 2012 e é concedido pela embaixada brasileira localizada no Haiti, visando impedir que haitianos recorram a caminhos de migração gerenciados por grupos criminosos.

Conforme informações recentes do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) de 2024, é estimado que aproximadamente 161 mil haitianos residem atualmente no Brasil. Este número constitui uma parcela relevante da população que necessita de proteção internacional no território, evidenciando o fluxo migratório que persiste e a hospitalidade que Brasil tem proporcionado a pessoas e famílias haitianas em busca de abrigo e novas chances.

Por fim, ao analisarmos o medo dos migrantes haitianos em rotas clandestinas, a perspectiva de Pierre Bourdieu (1930- 2002) oferece um olhar aprofundado. Este medo vai além de uma preocupação comum; é uma rede complexa de vulnerabilidades intrinsecamente ligada aos seus conceitos de *habitus*, capitais e violência simbólica. O *habitus* do migrante, forjado por suas vivências no país de origem, frequentemente se choca com as regras e o ambiente do novo local.

3.1 Haitianos em Piraquara

Hoje, tendo que se valer da ocupação de terrenos ilegais na região metropolitana da capital do estado do Paraná, podemos constatar que os migrantes haitianos estão em várias regiões e têm sua própria casa, saindo do aluguel e conseguindo comprar um terreno sem escritura em Piraquara, Campo Magro e outros municípios da região metropolitana. Para um migrante haitiano viver nestes bairros citados precedentes, precisa coabitar em uma república, ou seja, com amigos, para somar o preço de aluguel para pagar o proprietário em questão.

Sem essa dinâmica de convivência solidária, se o migrante tenta arcar com o aluguel de forma individual, não consegue realmente poupar duzentos reais por mês. A inflação no país continua aumentando. Esta ocupação ilegal abre um outro caminho para a segurança econômica e a possibilidade de poupança pelo migrante. A explicação é clara e bem fundamentada, segundo o relato de um migrante haitiano que foi inquilino na região de Cajuru em Curitiba, que destaca que o custo do aluguel neste local é extremamente elevado em comparação com sua renda mensal. Os proprietários da casa costumam elevar os preços dos aluguéis ao perceber que o potencial inquilino é haitiano.

De acordo com as narrativas das famílias haitianas entrevistadas nesta pesquisa, podemos observar que a comunidade haitiana não para de crescer em Piraquara e os migrantes haitianos continuam a comprar terrenos sem escritura, por causa da inflação no custo dos aluguéis de casas na região metropolitana de Curitiba e devido à falta de acesso a moradias sociais, diante da escassez de políticas públicas de habitação no país.

Na minha percepção como migrante, para um migrante ou refugiado que sai de seu país sem nada, a primeira ação que o Estado deveria fazer é fornecer-lhe documentos legais e um lugar para dormir.

No caso dos migrantes haitianos, podemos constatar que, embora tenham documentos para trabalhar, tenham um salário mensal, não têm condições de pagar um quarto para dormir sozinhos, por isso decidem viver em grupo, mesmo tendo esposa e filhos, a fim de conseguir encontrar meios para pagar o aluguel mensalmente. Portanto, o salário que ganham não é compatível com o custo de vida e, como dito anteriormente, os proprietários decidem aumentar o preço ao perceberem que os inquilinos são haitianos.

Segundo a narrativa dos ocupantes dos terrenos de forma ilegal, a questão da moradia em Curitiba e região é um grande desafio para os migrantes haitianos, embora existam migrantes haitianos que podem pagar um bom apartamento para alugar, os proprietários não querem alugar suas casas para os haitianos: “Prefiro encontrar um lugar onde possa dormir com as crianças em vez de não comer, porque o país aqui é muito frio e não temos ninguém. Só o bom Deus!” (PAI, 2023).

Figura 3 - Casas dos migrantes haitianos em Piraquara

Fonte: pesquisador, 2023

A presença dos migrantes haitianos em Piraquara é complexa e envolve diversos aspectos sociais e econômicos. Por um lado, os haitianos buscam um lugar seguro para viver com sua família e trabalhar. A compra de terrenos irregulares é o único meio para eles fazerem uma economia. Por outro lado, esta ocupação pode criar conflitos judiciais entre eles e os proprietários legais.

Na imagem abaixo podemos ver um cartaz que enfatiza a proibição da venda, cessão ou locação de lotes e casas porque esta área está em litígio. E interdita o ingresso de novos ocupantes.

Figura 4 - Cartaz de proibição de ocupação dos terrenos

Fonte: pesquisador, 2023

Apesar de tudo isso, os haitianos que vivem em Piraquara mostram-se muito resilientes. Pois, além disso, enfrentam problemas relacionados à infraestrutura, como a falta de saneamento básico. Os migrantes haitianos são determinados a forjar uma vida digna. Podemos perceber que eles constroem sua casa, com trabalho solidário, um ajuda o outro.

No que diz respeito à economia, é possível observar que existem migrantes haitianos que estabelecem um tipo de empreendedorismo de subsistência para se manter na comunidade. É notável que a maioria das migrantes mulheres haitianas, mães solteiras, são as que estão à frente dos empreendimentos, oferecendo hortaliças e legumes, além de possuírem salões de beleza e brechós.

Contextualizando brevemente o racismo no país, referimos ao trecho do poema de Seely (2018) abaixo, que descreve a verdadeira realidade que os migrantes haitianos enfrentam todos os dias, apesar de toda a bagagem cognitiva que possuem, que poderia ajudá-los a resgatar suas vidas no país.

> Minha cor está triste
> Porque a cor da minha pele
> Minha vida não tem horizonte (SEELY, 2017).

O enigmático da cor de pele, que é fenomenal nutriente social, divide o povo brasileiro e ainda é assunto no noticiário do contexto brasileiro. Os dados estatísticos indicam que os brasileiros de pele negra e mestiça costumam lidar com desigualdades sociais.

Dados do Fundo de População das Nações Unidas (2017) revelam que, em média, essa população recebe salários inferiores em comparação aos brancos, têm menor oportunidade de acessar uma educação de qualidade e apresentam maior probabilidade de viver na pobreza.

O negro brasileiro encara e luta diariamente contra os problemas de racismo e discriminação para prevalecer e reconhecer seus direitos humanos. Neste contexto social, o migrante negro haitiano não é isento de desconfortos sociais.

Assim, após esta explanação, começamos a delimitação desta pesquisa na municipalidade de Piraquara que faz parte da Região Metropolitana de Curitiba. Em conformidade com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, Piraquara tinha uma população de 118.730 habitantes, no município fica o maior Complexo Penitenciário no Estado do Paraná. Esta municipalidade depende

economicamente de Curitiba porque a maioria de sua população trabalha e consome na sede da região metropolitana.

Com a chegada dos migrantes haitianos nesta região, é importante iniciar o estudo neste ambiente, buscando saber se existem algumas políticas públicas implementadas e adaptadas no sistema educativo.

Podemos afirmar que, em 2021, as crianças migrantes haitianas foram as que mais se matricularam nas escolas municipais de Piraquara, tanto na educação infantil quanto na educação fundamental, segundo dados fornecidos pela Secretaria da Educação de Piraquara.

Percebemos que a matrícula de crianças aconteceu em diversas escolas públicas do município. No total, o número de filhos de migrantes haitianos matriculados nas escolas alcançou 48 de 79 migrantes que frequentam o ensino fundamental do 1º ao 5º ano, enquanto nos CMEIs, 22 crianças haitianas de um total de 30 crianças migrantes registradas.

Por isso, dedicamos um tempo na Escola Rural Municipal Heinrich de Souza, onde 22 crianças migrantes haitianas foram matriculadas no ensino fundamental, para observar o dia a dia destas crianças.

Como sou pai de crianças haitianas, e também compreendo o idioma delas, a partir dessa visão percebemos que a pesquisa de campo nos auxilia a analisar a convivência e a recepção das crianças haitianas na escola, além de possibilitar a representação dos desafios que elas encontram no que diz respeito à aprendizagem. Consideramos que o direito à educação para crianças migrantes é inalienável, assim como a maneira como se desenrola o cotidiano delas na escola.

Para Sayad (1998), o conceito da migração é um fato social total, considerando os processos culturais, econômicos e sociais do lugar de origem e de destino. Porém, pode ser observado que a cultura do país natal predomina e o migrante não se adapta totalmente ao ambiente social do país que ele está. Então, o sujeito convive com duas culturas diferentes.

Linton (1945) definiu a cultura como uma configuração de comportamentos aprendidos, cujos elementos são partilhados e transmitidos pelos membros de uma sociedade determinada. Portanto, este estudo analisa também a proposta pedagógica que existe no seio dessa escola selecionada para facilitar às crianças migrantes a integração e adaptação e comparar a um plano educativo que existe no país natal do migrante. Como sabemos, a primeira barreira adaptativa social do migrante é a língua.

Assim, "migrar é [...] um processo completo e dual, originário e inserido em relações estruturalmente desiguais entre nações, de expulsão e recepção" (VILLAMAR, RIBEIRO, 2020).

Considerando os aspectos significativos desta pesquisa, que foi conduzida na escola Souza, o estudo de caso nos proporciona uma compreensão do dia a dia das crianças migrantes haitianas no ambiente escolar, sob a perspectiva de acolhimento e acontecimentos não revelados na realidade que elas encaram a cada dia. É importante notar que a criança migrante haitiana provém de uma cultura distinta, a qual valoriza o afeto, além da cultura do país que a recebe.

3.2 Crianças haitianas na educação de Piraquara

Nesta seção, adentramos mais na questão principal da pesquisa que busca compreender de que modo as políticas educacionais brasileiras abordam os direitos da educação para todos particularmente as crianças migrantes haitianas em Piraquara. A partir disso, a pesquisa também esboça algumas discussões acerca do papel da escola como uma instituição social acolhedora, enquanto instituição que deve respeitar a diversidade e a convivência cultural.

Ao conduzir esta pesquisa, utilizamos diversas abordagens para reunir informações, como a observação que possibilita minha presença direta no local em que as crianças se encontram. Isso se dá através de uma visão abrangente que busca apresentar o máximo de detalhes de maneira indutiva, a fim de reunir mais aspectos descritivos sobre os alunos migrantes haitianos dentro do contexto escolar em Piraquara, permitindo uma compreensão mais aprofundada sobre a convivência e a adaptação dessas crianças.

Esta observação oferece também uma cosmovisão mais ampla para observar e refletir como é feito o acolhimento dessas crianças que têm barreiras linguísticas e culturais. Demais, elas vêm de um país mais pobre onde o acesso à educação básica é uma calamidade social. Portanto, retomando o objetivo principal, este trabalho aborda o processo do acolhimento dessas crianças dentro do ambiente escolar, os apoios educacionais que estão a sua disposição para uma educação inclusiva e eficaz com oportunidades igualitárias.

Contextualizando os direitos das crianças, podemos notar que muitos tratados internacionais e leis nacionais abordam o assunto, citamos por exemplo:

A Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) pelo artigo 26: §1. Todo ser humano tem direito à educação. A educação será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A educação elementar será obrigatória.

Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966) pelo artigo 24: §1. Toda criança terá direito, sem discriminação alguma por motivo de cor, sexo, língua, religião, origem nacional ou social, situação econômica ou nascimento, às medidas de proteção que a sua condição de menor requer por parte de sua família, da sociedade e do Estado.

Convenção sobre Direitos da Criança (1989) pelo artigo 28: §1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança à educação e que ela possa exercer esse direito progressivamente e em igualdade de condições.

A Declaração Mundial sobre Educação Para Todos (1990) pelo artigo 3: §1. A educação básica deve ser proporcionada a todas as crianças, jovens e adultos. Para tanto, é necessário universalizá-la e melhorar sua qualidade, bem como tomar medidas efetivas para reduzir as desigualdades.

Todos estes documentos legais têm uma única missão: a de defender e proteger os direitos das crianças. Enfatizamos o acesso e o direito à educação para crianças, que é considerado um direito fundamental que não deve ser violado. Na historiografia da educação brasileira, podemos observar algumas medidas educacionais adotadas para assegurar o direito à educação. Em 1996 foi aprovada a atual Lei nº 9.394/1996. Esta Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) trata de todo o sistema educacional brasileiro, seja público ou privado. Esta legislação foi criada com base nos princípios presentes na Constituição Federal de 1988, que protege o direito à educação desde a educação básica até o ensino superior. Ela tem como objetivo garantir o direito a toda população ao acesso à educação gratuita e de qualidade, valorizar os profissionais da educação e estabelecer o dever da União, do Estado e dos Municípios com a educação pública.

Para além da LDB, o Conselho Nacional de Educação (CNE) com a resolução nº 1, de 13 de novembro de 2020, garante o direito de matrícula de crianças migrantes e refugiadas na escola brasileira e estipula o respeito à diversidade, à proteção de crianças e adolescentes e ao respeito à dignidade humana.

Existe também um documento legal chamado Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que descreve as normas e os objetivos para proteger os direitos

das crianças na educação básica, além de objetivar e reforçar o acolhimento das crianças no olhar da promoção de um ambiente respeitoso para a aprendizagem.

Além disso, o Plano Nacional de Educação (PNE) da Lei n° 13.005/2014 traz como um fator importante as especificações para uma educação inclusiva a fim de alfabetizar todas as crianças, e coloca em evidência a formação complementar dos educadores para lidar com a diversidade cultural durante as aulas, para desta forma favorecer um ambiente único e receptivo.

Além da Constituição, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) enfatiza a garantia ao prever que todas as crianças e adolescentes, sem distinção de nacionalidade, têm direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer. O ECA estipula que a matrícula de crianças migrantes em instituições de ensino não pode ser negada por falta de documentação. Dessa forma, as escolas devem acolher esses estudantes e proporcionar um ambiente inclusivo que respeite a diversidade cultural e linguística.

Nesta perspectiva historiográfica da educação brasileira, a garantia do acesso à educação para crianças migrantes é primordial e indispensável na infância. É fundamental reconhecer como o Estado desempenha uma função crucial ao prover às crianças uma educação de qualidade, incorporando os valores humanos necessários para a convivência em uma sociedade multicultural.

Autores como Grajzer (2018) e Azevedo e Barreto (2020) ressaltam a necessidade de assegurar não apenas a matrícula formal, mas também a real inclusão destas crianças no ambiente escolar, considerando suas especificidades linguísticas, culturais e emocionais. Eles argumentam que a educação desempenha um papel fundamental na integração social, no desenvolvimento da identidade e na proteção contra as situações de vulnerabilidade.

Pinto da Rocha e Mendonça Lunardi Mendes (2024) também discutem a diferença entre incluir e integrar, apoiando a ideia de que a educação para crianças migrantes deve ultrapassar a mera inserção, promovendo uma integração que reconheça a diversidade e fomente a equidade. Para Siller (2011), a matrícula de crianças migrantes nas instituições de ensino simboliza a aceitação da educação como um direito.

Para lidar adequadamente com este tema, é imprescindível compreender a sociologia do sistema educacional brasileiro e suas políticas educacionais a partir de uma breve retrospectiva. O sistema educacional brasileiro está dividido em dois níveis de ensino: a educação básica e a educação superior. A educação básica é formada

por três etapas: a) educação infantil, duração de 5 anos, com alunos de 0 a 5 anos, sendo obrigatória a matrícula para crianças de 4 e 5 anos. O ensino fundamental, com duração de 9 anos, com alunos de 6 a 14 anos. E o ensino médio, duração de 3 anos, com alunos de 15 a 17 anos

Conforme a Lei 9.394/1996 (e suas alterações), art. 30., a educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de 4 a 5 anos de idade.

Em relação ao direito das crianças à creche, mesmo não sendo obrigatória a matrícula é um direito. A educação básica no Brasil é obrigatória, sendo um dever dos pais matricular as crianças na escola e um dever do Estado oferecer essa educação.

As crianças migrantes, que se encontram matriculadas no ensino básico no Brasil, são um tópico importante, pois evidenciam os desafios e as oportunidades relacionadas à diversidade cultural e à inclusão social. Frequentemente oriundas de situações socioeconômicas adversas, essas crianças enfrentam diversos desafios, como a dificuldade com a língua, a adaptação a um novo sistema educacional e os preconceitos que podem existir na comunidade receptora.

Em relação à migração infantil, de acordo com Bhabha (2014), o ponto central não é a ausência de visibilidade, mas as ambivalências que estão presentes nos processos migratórios. A autora enfatiza que os direitos das crianças e as garantias sociais mencionadas na Convenção internacional sobre os direitos da infância frequentemente colidem com situações que apresentam atitudes hostis em relação ao acolhimento e tratamento ou resistência em aplicar normas internacionais, como a detenção por longos períodos e a negação de visitas ou reunificação familiar, entre outros problemas.

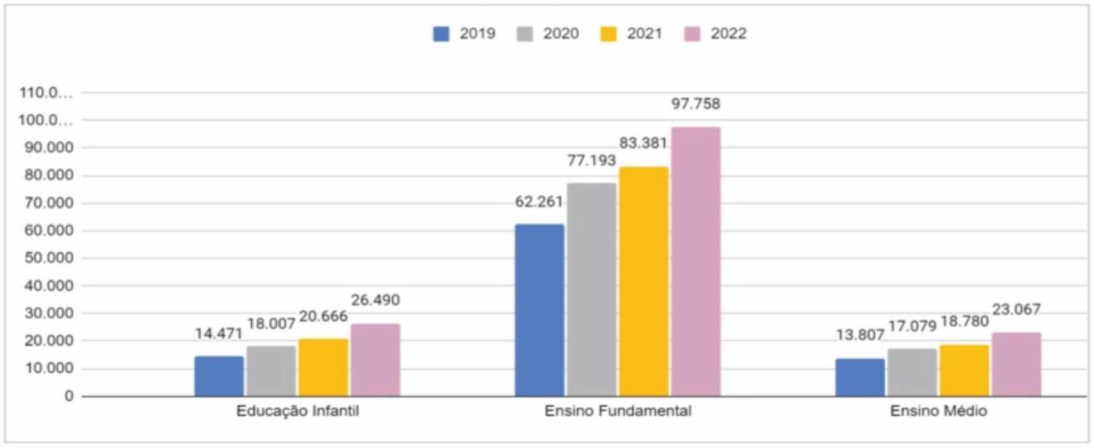
Na visão epistêmica de Bhabha (2014), a migração infantil é marcada por fragilidades, o que possibilita o campo jurídico iniciar debates sobre a criança migrante, a migração infantil e a complexidade dos desafios que envolvem a infância em contextos de deslocamento.

Por essa razão, a inclusão de crianças migrantes na educação brasileira é essencial. Estão presentes os direitos sociais garantidos pela Constituição de 1988, que são importantes não apenas para o desenvolvimento pessoal delas, mas também para promover a coesão social e enriquecer a diversidade nos ambientes escolares.

Conforme os dados do Censo Escolar da Educação Básica (Inep), apresentados por Ghiggi (2024), sobre o número de matrículas de crianças,

estudantes migrantes e refugiados nas diferentes etapas da educação no Brasil entre 2019 e 2022, estas etapas são agrupadas em três categorias: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Gráfico 1 - Matrículas de crianças e estudantes migrantes e refugiados por etapa na Educação Básica no Brasil



Base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica, 2019-2022.

Dentre estas categorias, a Educação Infantil foi a que apresentou o maior crescimento percentual, alcançando 83% de 2019 a 2022 na tabela ilustrada. O Ensino Médio ocupou a segunda posição, com um aumento de 67%, enquanto o Ensino Fundamental ficou em terceiro lugar, apresentando uma variação de 57%.

Considerando a distribuição das crianças migrantes nos municípios, segundo Ghiggi (2024), que escolheu os 20 municípios com o maior número de matrículas de crianças migrantes e refugiadas na Educação Infantil no Brasil de 2015 a 2021, a tabela seguinte mostra o número efetivo de crianças matriculadas a cada ano em cada município.

Tabela 1- 20 municípios com o maior número de matrículas de crianças migrantes e refugiadas na Educação Infantil no Brasil de 2015 a 2021.

	Est.	Cidade	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2015≠2021
01	SP	São Paulo	2.511	2.568	2.582	2.246	3.304	3.814	4.012	59,8 %
02	RR	Boa Vista	32	57	186	750	1.248	1.332	1.673	5.128,1%
03	AM	Manaus	90	107	123	216	628	1.103	1.381	1.434,4%
04	PR	Curitiba	208	198	166	175	245	431	589	183,2%
05	DF	Brasília	252	276	290	279	686	560	532	111,1%
06	RR	Pacaraima	28	39	51	130	335	358	466	1.564,3%
07	SP	Guarulhos	208	145	158	156	226	319	349	67,8%
08	SC	Chapecó	16	33	27	43	69	167	343	2.043,7%
09	RJ	Rio de Janeiro	656	544	437	399	419	315	324	-50,6%
10	SC	Florianópolis	139	146	126	127	162	214	226	62,6%
11	SC	Joinville	64	74	74	83	85	102	206	221,9%
12	MG	Belo Horizonte	247	210	144	122	118	155	179	-27,5%
13	MT	Cuiabá	61	59	47	44	45	98	129	111,5%
14	MS	Dourados	15	15	9	14	18	91	129	760,0%
15	RS	Porto Alegre	91	86	78	95	111	142	129	41,7%
16	GO	Goiânia	184	119	79	64	85	121	128	-30,4%
17	PR	Foz do Iguaçu	87	92	87	83	93	128	115	32,2%
18	PR	Cascavel	46	44	42	36	42	61	114	147,8%
19	PA	Belém	26	18	16	47	67	108	108	315,4%
20	AM	Tabatinga	30	28	19	27	30	78	105	160%

Base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica, 2015-2021.

A tabela seguinte mostra, segundo Ghiggi (2024), as cinco nacionalidades mais representativas na Educação Infantil no Brasil, das quais três são da América Latina, uma da América Central e uma da América do Norte.

Tabela 2- Cinco nacionalidades mais representativas na Educação Infantil no Brasil

Região	2019	2020
Venezuela	4.067	7.056
Bolívia	2.420	2.959
Haiti	1.065	1.243
Estados Unidos	762	843
Argentina	505	701

Censo Escolar da Educação Básica, 2019-2020.

Observa-se que houve um crescimento no número de crianças haitianas inscritas nas escolas do Brasil de 2019 a 2020.

Em relação aos dados do sistema de educação da prefeitura de Piraquara, a cidade tem 22 escolas municipais e 17 CMEIs. Conforme a Secretaria Municipal da Educação de Piraquara, em 2021 a municipalidade tinha 109 crianças migrantes de diferentes nacionalidades matriculadas nas escolas públicas da rede do município. No Ensino Fundamental, 79 alunos do 1º ao 5º ano e mais 30 alunos nos CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil).

Nas tabelas a seguir, é possível ver como estão distribuídas as crianças de diferentes nacionalidades na educação infantil e no ensino fundamental em Piraquara.

Tabela 3- Escolas- Ensino Fundamental anos iniciais – 1º ao 5º ano
Crianças migrantes por nacionalidades em Piraquara

Escola	Migr.	Haiti	Venezuel	Cub	Rep.Domicana	Paragaguai	Egito	Estados Unidos	Angola
Antonio Scarante	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bernard Jülg	20	17	03	-	-	-	-	-	-
Capoeira dos Dinos	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Carmela Dutra	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cristiane Pampuch	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Dona Julia Wanderley	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Emilia Capelini Valenga	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Geraldo Casagrande	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Guilherme Ribeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Heinrich de Souza	22	17	03	01	01	-	-	-	-
Herminio de Azevedo Costa	08	03	04	-	-	01	-	-	-
Idília Alves de Farias	10	02	06	-	-	-	02	-	-

Izaak Victor Pereira	02	-	02	-	-	-	-	-	-
João Batista Salgueiro	02	01	01	-	-	-	-	-	-
João Martins	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jomar Tesseroli	07	06	01	-	-	-	-	-	-
Manoel Eufrásia	03	-	02	-	-	-	-	01	-
Marilda Cordeiro Salgueiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Marlene Licheski	03	-	02	-	-	-	-	-	01
Olga Ribas Martins	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Padre Pe. Lotário Welter	02	02	-	-	-	-	-	-	-
Rudi Heinrichs	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	**79**	**48**	**24**	**01**	**01**	**01**	**02**	**01**	**01**

Fonte: Elaborado pelo autor / dados do Censo Escolar da Educação Fundamental, 2021

Tabela 4- Escolas Centros Municipais de Educação Infantil em Piraquara em 2021

CMEI	Migrantes	Haiti	Venezuela
Adela Steuk Lickfeld	04	04	-
Ana Maria	-	-	-
Ari Beraldin	-	-	-
Belmiro Valverde Jobim Castor	-	-	-
Cantinho do Brincar	-	-	-
Cely de Lara Batista	02	-	-
Clodominia da L. Saldanha	-	-	-

Iracy Costa – Dona Nenê	01	-	01
Felipe Zellner	-	-	-
Ivone Martha Vilar Defert	01	01	-
Judish dos Santos Pires	-	-	-
Margarida Zeni	-	-	-
Martin Tesseroli	-	-	-
Nossa Senhora Aparecida	01	-	01
Pingo de Gente	01	01	-
Tia Ângela	05	05	-
Tia Tôto- Joesphina da S. Kluppell	15	11	04
TOTAL	**30**	**22**	**08**

Fonte: Elaborado pelo autor / dados do Censo Escolar da Educação Infantil 2021.

Podemos afirmar que, em 2021, as crianças migrantes haitianas foram as mais matriculadas nas escolas municipais de Piraquara, tanto na educação infantil quanto na educação fundamental.

Neste cenário, o foco deste estudo é o Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano), investigamos as instituições de ensino que têm uma concentração maior de filhos de migrantes haitianos para orientar esta investigação. Na tabela anterior, observamos que a Escola Heinrich de Souza tem 22 alunos migrantes haitianos.

Fizemos a pesquisa de campo na Escola Rural Municipal Heinrich de Souza, onde se matriculam mais crianças migrantes haitianas em Piraquara em 2021.

Esta escola tem uma grande história na cidade porque seu nome é uma homenagem a um cidadão que ofereceu o terreno para construir a escola, o Sr. Heinrich de Souza. A instituição tem a capacidade de acolher 800 alunos nos períodos matutino e vespertino.

Na tabela seguine, observa-se que de 2020 a 2024, o número de crianças migrantes matriculadas na educação fundamental mostra flutuações. Percebemos que, no ano posterior, ocorreu um crescimento no total de crianças, enquanto em 2024, notamos uma diminuição.

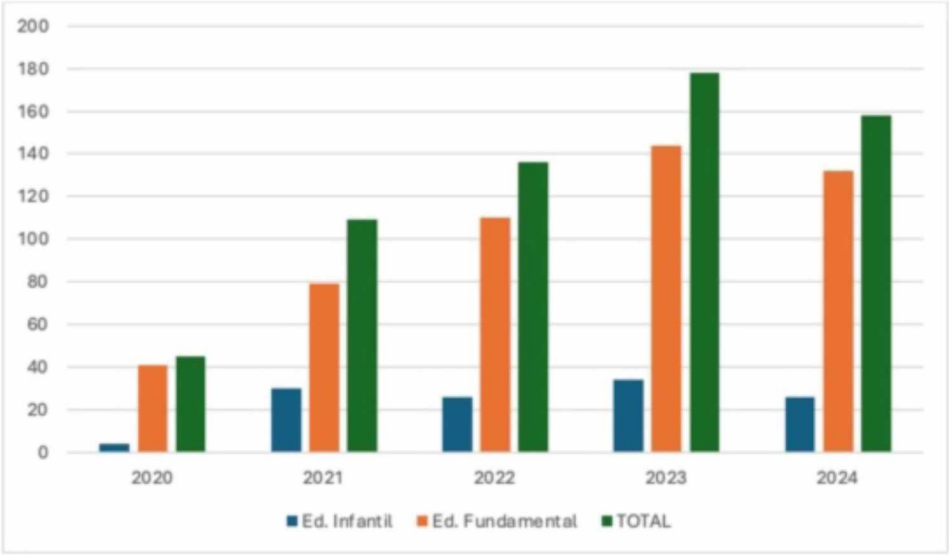
Tabela 5- Matrícula - crianças migrantes e refugiadas em Piraquara 2020 - 2024

Ano	2020	2021	2022	2023	2024
Educação Infantil	4	30	26	34	26
Ensino Fundamental	41	79	110	144	132
TOTAL	45	109	136	178	158

Fonte: Elaborado pelo autor /Dados do Censo Escolar da Educação Básica, 2024

Na ilustração seguinte, é possível observar que entre 2020 e 2024, a taxa de matrículas apresenta variações. Em 2023, houve um crescimento para 144 estudantes na educação infantil e 178 alunos no ensino fundamental. Contudo, em 2024, esses números caíram para 132 alunos na educação infantil e 158 alunos no ensino fundamental.

Gráfico 2- Número de alunos migrantes e refugiados
na Educação Infantil e Fundamental de Piraquara



Fonte: Elaborado pelo autor / dados do Censo Escolar da Educação Básica, 2024

Na tabela seguinte, é possível observar a origem das crianças migrantes matriculadas e as nacionalidades mais frequentes no ano letivo de 2024 nas escolas municipais em Piraquara.

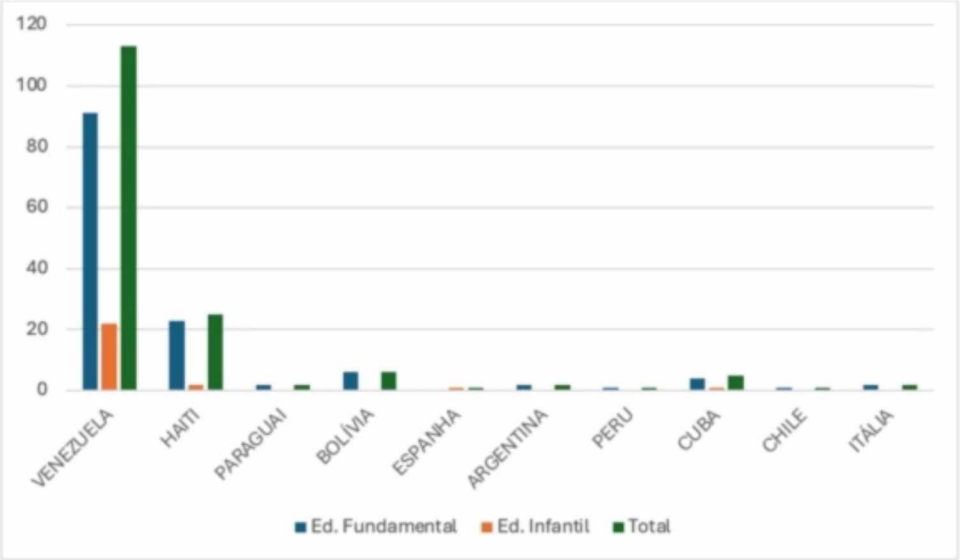
Tabela 6 – Nacionalidades - crianças migrantes e refugiadas em Piraquara em 2024

NACIONALIDADES	ENS. FUND.	ED. INF.	TOTAL
VENEZUELA	91	22	113
HAITI	23	2	25
PARAGUAI	2	-	2
BOLÍVIA	6	-	6
ESPANHA	-	1	1
ARGENTINA	2	-	2
PERU	1	-	1
CUBA	4	1	5
CHILE	1	-	1
ITÁLIA	2	-	2

Fonte: Elaborado pelo autor /Dados do Censo Escolar da Educação Básica, 2024.

Em 2024, é possível observar que as nacionalidades que apresentam o maior número de crianças migrantes e refugiadas inscritas nas escolas municipais de Piraquara são: Venezuela, com 113 alunos, e Haiti, com 25 alunos, conforme indicado na infografia apresentada. Ultimamente, a crise econômica e social na Venezuela tem sido bastante problemática, levando muitos venezuelanos a procurarem refúgio no Brasil.

Gráfico 3- Nacionalidades - crianças migrantes e refugiados inscritas nas escolas municipais de Piraquara

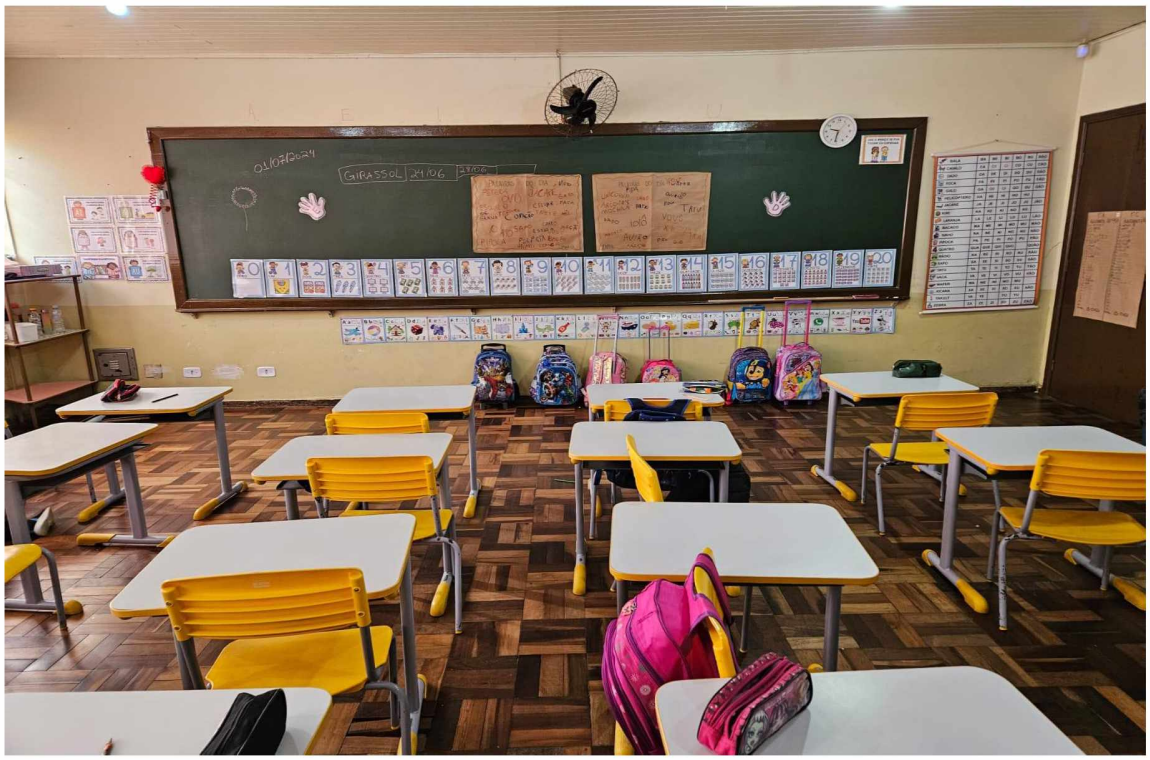


Fonte: Elaborado pelo autor / dados do Censo Escolar da Educação Básica, 2024

Na instituição de ensino Souza, os espaços estão adaptados para o clima, a fim de oferecer um ambiente acolhedor às crianças e garantir uma educação de qualidade, as salas são pintadas, têm cadeiras e mesas, a escola tem guarda-volumes para os professores guardarem os materiais didáticos e pedagógicos. Nas paredes das salas, visualizamos diferentes quadros e jogos educativos para expor a diversidade cultural, há uma sala para as crianças relaxarem, uma biblioteca e um amplo espaço para as crianças brincarem durante o recreio.

Assim, as imagens abaixo podem descrever a atmosfera acolhedora das salas de aula que desempenham um papel importante na vida e aprendizagem das crianças.

Figura 5- Escola Rural Municipal Heinrich de Souza em Piraquara



Pesquisador, 2023

Entrevista com a diretora

A entrevista com a diretora da Escola Rural Municipal Heinrich de Souza foi conduzida de forma semiestruturada, utilizando um roteiro de perguntas como guia, mas permitindo a flexibilidade para explorar as experiências e percepções da gestora sobre o acolhimento das crianças migrantes haitianas. A entrevista foi realizada na direção da escola. Nosso objetivo era coletar dados qualitativos detalhados sobre a matrícula, as políticas implementadas, os desafios enfrentados e as percepções sobre a integração dessas crianças, com o objetivo de obter mais informações sobre o processo de acolhimento na perspectiva da direção escolar. A conversa foi registrada em áudio via celular para garantir a precisão das informações e enriquecer a análise da pesquisa.

Segundo o relato narrativo da diretora da escola Souza, a cidade de Piraquara tem um nome indígena que significa “buraco de peixe”, talvez em referência a quantidade de peixe nos muitos espaços com água no município, mas hoje não é mais assim, há menos peixes.

Piraquara é uma cidade de mananciais onde tem nascentes de água que são mandadas para outros municípios vizinhos. A cidade tem um complexo penitenciário, afastado no centro do município.

Alguns anos atrás, o município era chamado de "cidade dormitório" porque as pessoas vinham para cá somente para dormir, não existiam muitos empregos, as pessoas residiam no município e saiam todos os dias para realizar seu trabalho, geralmente, na capital.

Para a Diretora (2023), Piraquara é uma cidade acolhedora que oferece oportunidades para comunidade migrante. Em busca da subsistência econômica na região, podemos observar o fluxo migratório haitiano que vem morar na cidade. Piraquara tem um custo de vida mais baixo que outros municípios da região metropolitana de Curitiba.

> Houve preocupação em relação à forma de acolher estas crianças na escola porque o município não tinha uma política educacional para atendê-las. Durante a pandemia de Covid-19, a escola Souza começou a receber crianças haitianas e venezuelanas. Para acolher estas crianças, existiam muitas dificuldades. O grande problema foi a comunicação. Para acompanhar as crianças haitianas, os professores utilizam suportes tecnológicos como o google tradutor para facilitar a tradução com os sujeitos em questão (DIRETORA, 2023).

A fala da diretora, previamente transcrita, mostra que a escola tem acolhido um número crescente de alunos migrantes, principalmente haitianos, enfrentando como principal desafio a barreira linguística e a necessidade de formação específica para os professores. O processo de acolhida inicial envolve a família e o apoio do intérprete de crioulo, com adaptações pedagógicas em curso.

A diretora enfatiza o papel crucial do intérprete na comunicação e mediação cultural, observando um desempenho variado entre os alunos haitianos, inicialmente impactados pela língua, mas com progressos notáveis com o tempo e o suporte. A convivência entre os alunos é geralmente positiva, embora desafios pontuais de comunicação e possíveis casos isolados de discriminação racial demandem atenção constante da escola, que reconhece a necessidade de oferecer treinamento adicional aos docentes para um acolhimento mais eficaz e inclusivo, garantindo também a alimentação escolar a todos os alunos.

Nesta perspectiva, é preciso preencher essa lacuna de comunicação durante as aulas, a chegada das crianças migrantes haitianas no município representa um desafio educacional para a municipalidade. Em 2022, o Prefeito do Município de Piraquara lançou um edital de PSS 018/2022 para contratar um intérprete de crioulo para atender as demandas destas escolas municipais, que enfrentam dificuldades linguísticas.

Conforme este edital, as atribuições do intérprete crioulo são:

- Traduzir, na forma escrita, sinalizada, em mídia digital, gravada em vídeo, DVD, CD, textos de qualquer natureza, de um idioma para outro, considerando as variáveis culturais, bem como os aspectos terminológicos e estilísticos, tendo em vista um público-alvo específico. Interpretar oralmente, ou de forma sinalizada, de forma simultânea ou consecutiva, de um idioma para outro, discursos, debates, textos e formas de comunicação eletrônica, respeitando o respectivo contexto e as características culturais dos alunos. Tratar das características e do desenvolvimento de uma cultura, representando por sua linguagem; fazer a crítica dos textos. Assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.
- Examinar o texto original a ser traduzido; transpor o texto a outro idioma/língua; fazer tradução literária estrangeira para a língua portuguesa, conservando rigor idêntico dos meios e o estilo e sentimentos expressos; revisar o texto traduzido; preparar síntese de textos traduzidos; traduzir os diálogos entre pessoas que falam idiomas diferentes; executar outras tarefas de mesma natureza e nível de complexidade associadas ao ambiente organizacional.
- Efetuar comunicação entre estudantes estrangeiros e professores da Educação Básica e vice-versa.
- Interpretar na língua estrangeira, as atividades didático pedagógicas e culturais desenvolvidas na Instituição, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares.

Por fim, ao manifestar essa necessidade, a diretora aponta para uma carência sistêmica que requer atenção e recursos das autoridades educacionais para assegurar um acolhimento eficiente e inclusivo da comunidade migrante na escola.

Entrevista com o intérprete

Ocupando a vaga de intérprete de crioulo haitiano, encontrei um migrante haitiano. A entrevista com o intérprete foi conduzida através de uma abordagem qualitativa, visando compreender seu papel crucial na mediação linguística e cultural na escola Souza. A conversa explorou sua trajetória, as barreiras de comunicação identificadas, sua atuação específica na facilitação do diálogo entre as crianças haitianas, professores e famílias, os desafios da interpretação intercultural e suas observações sobre o processo de integração. A entrevista foi registrada em áudio via celular.

A realidade social do intérprete não é melhor ou diferente de outros migrantes haitianos que têm a mesma perspectiva social e esperança no país, apesar dos estudos avançados que ele adquiriu. Ele morou um tempo no Chile antes de vir para cá buscar uma vida digna. Atualmente, ele mora junto com sua esposa e sua filha em Curitiba. O intérprete haitiano cospe todo o desgosto que enfrenta com o sistema social brasileiro que considera que bons empregos não são feitos para os migrantes negros haitianos. Ele conta, com toda desolação e motivação, como chegou a conseguir esta vaga como intérprete na escola.

> No processo do edital PSS 583-2022 do Prefeito do Município de Piraquara, Estado do Paraná, para contratar um intérprete de crioulo, tinha 5 ou 6 candidatos migrantes haitianos que participaram neste processo, nenhum de nós foi aprovado, temos conhecimentos solicitados para esta vaga. Porém, eu sou estudante de Direito na Universidade Federal do Paraná (INTÉRPRETE, 2023).

Os haitianos comunicam-se em crioulo e a função da vaga é traduzir para as crianças haitianas na escola, por que esta oportunidade de emprego não é destinada a um migrante haitiano qualificado mesmo com a legislação que determina que os migrantes não têm permissão para ocupar cargos no setor público?

Então, para remediar esta situação, o intérprete haitiano entrou com um recurso, buscou seus direitos e solicitou apoio de alguns conhecidos que defendem os direitos humanos dos migrantes e refugiados na cidade. Ele explicou como conseguiu a vaga, os responsáveis da prefeitura revogaram o artigo 3.1.1 do edital que prescreve que o candidato deve ser brasileiro nato, naturalizado portador de direitos da cidadania; foi um caso especial para esta vaga.

Por fim, a atuação do intérprete de crioulo nas escolas municipais de Piraquara vai além da simples versão de textos, se configurando como um elemento fundamental para a verdadeira inclusão de crianças que vêm do Haiti. Ele se sente acolhido e respeitado pelas famílias e crianças, atuando como uma ponte essencial entre a comunidade haitiana e a instituição escolar, facilitando a comunicação e a compreensão mútua. O intérprete destaca os obstáculos linguísticos que as crianças encontram ao ingressarem na escola e a lenta aquisição do português. Ele ilustra as dificuldades em pronúncia e entendimento, além das táticas naturais que as crianças utilizam para se expressar.

Este profissional, ao facilitar a troca de informações, assegura não só que os alunos acessem o conteúdo escolar, mas também cria um espaço seguro e acolhedor, vital para a saúde mental e social destas crianças. A promoção da língua nativa, através do trabalho do intérprete, reforça a identidade cultural e ajuda a formar conexões sociais, ao passo que o auxílio dado aos professores e às famílias aprimora a comunicação e a aplicação de métodos de ensino que considerem a inclusão.

Reunião com os pais

Para melhorar a compreensão das necessidades das crianças do Haiti, conversei diretamente com os pais. A colaboração da diretora demonstrou um engajamento com a temática da pesquisa e um reconhecimento da importância de estabelecer uma comunicação direta com as famílias desses alunos. Os pais se mostraram contentes com esse convite.

Para conseguir a coleta das informações importantes, organizei um encontro dedicado para as famílias dessas crianças, que ocorreu na escola em um sábado, com duração de duas horas e cerca de dez pais presentes. Essa troca de ideias, realizada em crioulo haitiano, foi essencial para entender melhor os obstáculos que enfrentam. As histórias compartilhadas foram semelhantes, principalmente no que diz respeito à barreira da linguagem, que é um fator chave que impede os pais de auxiliar seus filhos nas atividades escolares em casa.

Notei, durante a reunião, que a maior parte dos pais presentes era mulheres, originárias de diversas regiões do Haiti e que possuem casa própria em Piraquara. No Haiti, é comum que as mulheres assumam a maior parte das responsabilidades domésticas e o cuidado dos filhos. Essa situação pode ser afetada por múltiplos

fatores, como a composição familiar, as oportunidades de trabalho e o contexto culturais. Em muitas casas haitianas, especialmente em situações de vulnerabilidade social e econômica, é comum que as mulheres liderem as atividades diárias dos filhos, como alimentação, cuidados de saúde e educação. Por isso, a importância do papel da mãe na educação das crianças pode explicar a presença predominante de mulheres nas reuniões escolares.

Porém, a maioria dos pais destas crianças não se alfabetizam em língua portuguesa e chegam aqui com pouco estudo. Isto provoca dificuldades no bom acompanhamento de suas crianças na aprendizagem escolar.

> Eu ajudei meu filho com as tarefas e a lição de casa. Ele está no terceiro ano. Quando recebi o boletim dele, ele estava com notas ruins. Não sei por que ele tem medo (MÃE, 2023).

De qual medo os pais se referem? O medo linguístico de falar. Para Jim Cummins (2009), a língua é uma ferramenta poderosa para a comunicação, mas também pode ser uma barreira significativa para as crianças que não a dominam. Isso pode impactar a habilidade de aprendizado das crianças que migram, sua expressão e a assimilação na comunidade. É crucial fornecer o suporte linguístico apropriado para que essas crianças consigam vencer os desafios e atingir seu potencial.

Por isso, a decisão da prefeitura de contratar um intérprete de crioulo é uma resposta direta à identificação da barreira linguística como um obstáculo significativo para a comunicação e o aprendizado das crianças haitianas e para o engajamento de seus pais no ambiente escolar.

Nas narrativas dos pais, podemos perceber que eles têm consciência de que seus filhos têm um medo. Neste caso, podemos relacionar o conceito de insegurança linguística de Pierre Bourdieu para fornecer uma perspectiva importante para entender os desafios enfrentados pelas crianças haitianas migrantes em Piraquara. Ao ingressarem em uma nova escola onde o português predomina, esses estudantes podem acabar por sentir a desvalorização implícita de sua língua nativa, o crioulo, em relação à forma mais valorizada da língua.

Para os professores da escola Souza (2023), este medo se manifesta na incerteza ao tentar se comunicar em português, que provoca um pouco de restrição dessas crianças migrantes haitianas na participação durante as aulas. A barreira da língua, aliada à internalização de hierarquias simbólicas que não favorecem sua língua

original, pode criar sentimentos de ansiedade e inadequação, prejudicando seu rendimento escolar e integração social, refletindo as preocupações dos pais observadas na pesquisa.

O acolhimento das crianças haitianas no ambiente escolar de Souza é bem receptivo segundo os pais das crianças matriculadas nesta escola. Eles parabenizam os responsáveis da escola por causa da merenda escolar que eles oferecem às crianças todos os dias com um cardápio plural.

> Quando meu filho estava no Haiti, às vezes não tinha nada para comer antes de ir para escola. Hoje, ele está comigo no Brasil, mesmo que de manhã ele não toma café da manhã antes de ir para escola, minha consciência está tranquila porque ele vai almoçar na escola (MÃE, 2023).

Apesar de todas as dificuldades linguísticas e culturais que as crianças migrantes haitianas enfrentam todos os dias, a maioria delas apresenta um bom desempenho acadêmico, apontam as professoras.

> O problema linguístico é uma grande barreira para elas, mas elas aprendem muito rápido. Sobre o medo linguístico que os pais apontam, têm algumas crianças que têm insegurança de comunicação, é uma questão de personalidade que a barreira cultural provoca e têm crianças mais tímidas que outras (PROFESSORA, 2023).

A língua nativa tem um papel crucial durante a migração, pois não apenas representa um meio de identidade cultural, mas também serve como uma ferramenta vital de comunicação para aqueles que migram. Ao deixar sua terra natal, o indivíduo traz consigo seu idioma nativo, frequentemente associado a suas lembranças, costumes e experiências pessoais.

Para Lira (2018), o migrante, para se adaptar ao novo país, muitas vezes se vê obrigado a aprender a língua que é falada nesse novo contexto. No entanto, é normal que se opte por também manter a língua materna, já que ela permite que a pessoa preserve vínculos com sua origem, com sua cultura e com sua família no país natal. Portanto, esta língua se transforma em uma referência em um novo contexto, ajudando os migrantes a preservar sua conexão com a cultura de seu país de origem enquanto enfrentam um ambiente linguístico e cultural distinto. A relação entre a língua nativa e a migração é multifacetada e requer um olhar cuidadoso para entender as dificuldades e as chances que os migrantes lidam em sua busca por aceitação e integração.

Numa visão dos direitos linguísticos, os autores Thais Silveira Pertille e Marcelo Pertille (2018) defendem a língua como um direito fundamental que assegura a dignidade e a preservação da identidade de quem se muda para outra nação. A habilidade de utilizar e manter a língua nativa, assim como ter acesso à língua do novo país, é importante para que o migrante possa reivindicar seus direitos, participar ativamente na comunidade e evitar a exclusão, a discriminação e a deterioração de sua cultura e autoestima. Além disso, para que a integração das crianças migrantes haitianas seja efetiva, a língua que elas trazem consigo é fundamental. Ela serve como a base para garantir seus direitos básicos e preservar sua dignidade no novo contexto.

Considerando as narrativas compartilhadas por pais que deixaram o Haiti em busca de melhores condições no Brasil, no que diz respeito à integração escolar de seus filhos, eles notam um empenho por parte da instituição em acolhê-los, embora o grau de satisfação possa diferir com base nas vivências pessoais e nos obstáculos enfrentados. Ao fazer um comparativo entre a educação no Haiti e no Brasil, distinguem-se variações tanto nos métodos pedagógicos quanto na infraestrutura escolar e, principalmente, no idioma, que se destaca como o principal impedimento para o aprendizado das crianças. Os pais percebem as dificuldades que seus filhos enfrentam para dominar o português e, muitas vezes, tentam auxiliar com as tarefas escolares da melhor forma que conseguem, mesmo sem ter fluência na língua local, evidenciando um comprometimento significativo com a educação de seus filhos, apesar das barreiras linguísticas.

Entrevista com os educadores

Discutimos sobre racismo e preconceito na escola Souza com as educadoras, segundo a narrativa de uma delas, os alunos haitianos não sofrem racismo e discriminação na escola, mas existem alguns pequenos casos que muitas vezes são apresentados quando duas crianças estão em conflito. O pai de uma criança brasileira, por exemplo, costuma usar o seguinte vocabulário "haitianinho" para reduzir a criança haitiana e defender seu filho. Podemos perceber como educadores, como esses discursos são reproduzidos na escola, mesmo quando as crianças têm poucos desentendimentos entre elas.

Segundo a narrativa de uma professora da escola, às vezes as crianças brasileiras reproduzem esta fala dos pais no ambiente escolar para colegas haitianas. Podemos constatar que este tipo de discriminação é uma falta de educação de alguns pais que nutrem seus filhos em casa com a desvalorização do ser humano.

Podemos constatar que o sistema educacional no Brasil é amplamente afetado por fatores relacionados à raça e à discriminação, os alunos pertencentes a grupos raciais minoritários, como afrobrasileiros e comunidades indígenas, frequentemente encontram obstáculos que dificultam sua busca por uma educação de qualidade. Essas desigualdades geram índices mais altos de evasão escolar e um rendimento acadêmico inferior, aprofundando as disparidades socioeconômicas em conformidade com os dados sobre abandono escolar do aluno brasileiro.

Nesta entrevista, professores mencionam a dificuldade linguística como o principal obstáculo para atender às necessidades específicas dessa comunidade. No que se refere ao desempenho acadêmico, observam variações individuais, o aprendizado é inicialmente afetado pelo idioma, mas avança consideravelmente ao longo do tempo com o apoio adequado.

Os desafios observados incluem problemas de compreensão, expressão em português e adaptação a uma nova cultura. A relação entre as crianças do Haiti e os outros alunos é geralmente considerada positiva, caracterizada por laços de amizade e pela curiosidade recíproca em relação às culturas.

Por fim, os professores destacam a importância do intérprete de crioulo haitiano como um elemento primordial neste acolhimento que favorece a mediação comunicativa entre a escola, os alunos haitianos e as famílias dessas crianças.

Além destes pequenos casos racistas invisíveis produzidos por alguns pais, ainda não percebemos a reconstrução dessa narrativa na fala das crianças haitianas no ambiente da escola, relatou uma professora. É preciso ressaltar que este vocabulário diminuitivo pode afetar o desenvolvimento da criança porque o nome da criança tem um aspecto social importante na formação de seu caráter social.

A interseção entre infância, migração e discriminação racial no Brasil demanda uma análise social sensível dependente de qual perfil do migrante que está estudando, de qual país ele vem. A nação brasileira é construída por diversidade étnico-cultural, moldada por múltiplos fluxos migratórios, internos e externos, que, além de reconfigurarem sua demografia, engendraram complexidades nas relações raciais. As crianças em contextos migratórios vivenciam desafios particulares em sua

integração social e acesso à educação, os quais podem ser exacerbados por preconceitos raciais estruturais.

Por isso, a luta contra a discriminação racial nas instituições educativas exige uma estratégia abrangente que inclua, além dos professores, também os familiares e as comunidades locais. A promoção do entendimento acerca da história e cultura das várias etnias presentes no país é essencial na diminuição do preconceito e na facilitação da aceitação mútua. Ao incorporar esses aspectos no programa escolar, torna-se viável criar uma sociedade mais justa, na qual todo estudante, independentemente de sua origem étnica, tenha a oportunidade de se desenvolver e alcançar seu pleno potencial.

Sob uma perspectiva tanto crítica quanto positiva sobre a integração das crianças migrantes haitianas, elas recebem o mesmo carinho que as crianças brasileiras, os educadores mostram o mesmo afeto às crianças haitianas e estabelecem amizades no ambiente escolar, divertindo-se juntos durante o recreio. Observa-se um acolhimento caloroso por parte da escola Souza, que se manifesta em atitudes de apoio e inclusão.

Apesar do desafio significativo imposto pelo medo da língua portuguesa, as crianças haitianas encontram um ambiente receptivo que busca mitigar as barreiras de comunicação e promover o bem-estar. Esse acolhimento inicial, embora promissor, não obscurece a necessidade contínua de estratégias pedagógicas e de suporte linguístico direcionadas para garantir a plena participação e o sucesso acadêmico dessas crianças, reconhecendo a importância de ir além da recepção inicial para uma integração verdadeiramente mais eficaz.

Ademais, a presença do intérprete haitiano na instituição é fundamental tanto para as crianças haitianas quanto para seus pais e educadores, pois é crucial na mediação da comunicação, especialmente na tradução quando se faz necessário. Por outro lado, podemos observar a alegria que brilha nos rostos dos pais das crianças haitianas, que estão felizes porque seus filhos estão matriculados numa escola e recebem uma merenda durante as aulas. E para os pais, quando seus filhos estavam no Haiti, a maior dificuldade era encontrar comida para nutri-las durante ano letivo. Às vezes as crianças iam para a escola sem comida e passavam fome durante o dia.

Apesar dos desafios com a língua portuguesa que as crianças haitianas encontram, isso não as impede de ter um rendimento escolar satisfatório. Em relação ao racismo, observamos que crianças migrantes haitianas sofrem discriminação

racial, manifestada em expressões depreciativas proferidas por alguns pais de crianças brasileiras em situações conflituais quando seus filhos se desentendem com as crianças haitianas, utilizando termos como "haitianinho".

Esta pesquisa sobre o acolhimento das crianças migrantes haitianas nas escolas municipais de Piraquara é importante, considerando que a escola oferece um ambiente cheio de oportunidades para que essas crianças possam exercer seus direitos de maneira equitativa em relação às crianças locais.

Com esta perspectiva acolhedora, reconhecemos que a inclusão escolar é um passo à frente da mera integração, pois não é responsabilidade da criança migrante modificar sua maneira de agir ou disfarçar sua cultura. Então, a responsabilidade é da sociedade em se abrir para a diversidade e se tornar mais inclusiva.

A presença das crianças migrantes haitianas nas escolas municipais de Piraquara apresenta um novo obstáculo. Além de inscrever elas, as instituições educacionais enfrentam a necessidade de oferecer um acolhimento que vá além do convencional. Para Bartlett (2012), a integração das crianças migrantes em ambientes escolares demanda a aplicação de métodos pedagógicos que respeitem as práticas culturais e linguísticas. É essencial que a escola esteja pronta para compreender e valorizar suas raízes, tradições e, principalmente, a barreira da língua. Desconsiderar esses fatores pode dificultar a aprendizagem, a interação social e o desenvolvimento integral dessas crianças. Assim, o desafio está em criar um espaço inclusivo que reconheça e valorize a diversidade, adaptando-se às necessidades específicas desses novos estudantes para assegurar que a educação se torne, de fato, um direito acessível e relevante para todos.

Portanto, acolher as crianças migrantes haitianas nas escolas municipais de Piraquara é um ato de superar os desafios comunicativos, e apesar das dificuldades linguísticas enfrentadas, a maioria tem um desempenho acadêmico satisfatório. Para isso, os educadores têm um papel colossal no processo de acolhimento que permita à criança haitiana se sentir confortável e segura na sala de aula. Podemos demarcar que, por mais que as crianças migrantes tenham acesso à matrícula nas escolas municipais de Piraquara, o município não implementa um programa educacional específico para acolher essas crianças e a simples contratação de um intérprete não se mostra suficiente, ao considerar os relatos da diretora e dos educadores da escola Heinrich de Souza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa procurou-se apresentar uma abordagem de pesquisa qualitativa, que permite dar uma visão sobre o tema estudado e favorece um ambiente adequado para coletar informações quantitativas sobre o mapeamento de quantas crianças são migrantes, com dados informados pelo município de Piraquara, e quantas crianças migrantes que estão matriculadas na Escola Rural Municipal Heinrich de Souza, além de que tipos de tratamentos diferenciados essas escolas dão para este público.

Dentro dessa abordagem, destaca-se o envolvimento do pesquisador com o ambiente de estudo e a descrição detalhada do processo de pesquisa. Por último, foi importante a oportunidade de ter um contato direto com o campo explorado, para compreender a valorização de duas culturas diferentes no espaço escolar.

Considerando o contexto social do Haiti, apresentou-se um panorama dos sofrimentos causados pelo caos político, a cólera e os cataclismos naturais. Vimos que o Haiti se tornou um país vulnerável e disseminador de miséria, onde a miséria social empobrece os cidadãos diariamente, além de ser construído sobre uma base sistêmica desigual mantida por negrocratas políticos e ditadores econômicos para desnaturalizar o corpo negro haitiano e transformá-lo em um instrumento político em prol dos interesses dos opressores. Estas convulsões sociais suscitam o negro haitiano a buscar uma vida melhor em outros países.

As tensões políticas e a insegurança social são grandes preocupações no Haiti, exacerbadas pela pobreza, que levaram a um aumento da criminalidade e da violência. As gangues armadas controlam bairros inteiros, tornando a vida cotidiana perigosa para os cidadãos. O acesso à educação é um grande desafio no Haiti porque muitas crianças não vão à escola, seja por falta de recursos financeiros dos pais ou por falta de infraestrutura escolar adequada que o Estado não oferece.

Hoje, o Haiti é um dos países mais pobres do hemisfério ocidental, onde a maior parte da população vive abaixo do limiar da pobreza, o que realça a urgência dos desafios econômicos que o país enfrenta.

A resiliência e a determinação do povo haitiano são ativos valiosos para otimizar um futuro melhor apesar de tudo.

No aspecto epistêmico, foi apresentada, nesta pesquisa em Piraquara, uma municipalidade que concentra uma comunidade haitiana que conseguiu ter sua casa

própria. Ainda assim, a realidade dos migrantes haitianos em Piraquara é um desafio, pois os serviços fornecidos pela municipalidade são insuficientes para promover uma integração efetiva e eficaz.

Além do mais, acolher a criança haitiana nas escolas em Piraquara não se restringe apenas ao acesso à educação como um direito fundamental. Embora a barreira linguística seja um desafio, ela não cobre toda a questão em si. Por exemplo, a cultura de origem do aluno pode afetar a chance de que a criança haitiana sofra algum tipo de exclusão. Por esta razão, é essencial implementar uma política educativa que valorize a cultura desses alunos, possibilitando uma inclusão mais abrangente em seu processo educacional.

No que tange à abordagem educacional que a cidade de Piraquara disponibiliza às escolas municipais, notamos a inclusão do intérprete, embora faltem materiais didáticos na língua das crianças migrantes. É urgente que as diretrizes das políticas educacionais destinadas a receber migrantes nas escolas priorizem a formação complementar dos educadores, já que a chegada dos migrantes haitianos em Piraquara enriquece o ambiente sociocultural, considerando que a escola é vista como uma entidade uniforme e acolhedora. Nos âmbitos da educação e da migração, essa situação é percebida através do encontro de duas culturas distintas dentro do mesmo espaço, permitindo, assim, que o diálogo e o aprendizado mútuo ocorram.

REFERÊNCIAS

AUDEBERT, Cédric. ***La diaspora haïtienne*: Territoires migratoires et réseaux transnationaux**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

BARBOSA, Marialva. ***História da Imprensa (1900-2000).*** Rio de Janeiro: Mauad, 2007. *Percursos do Olhar. Comunicação, Narrativa, Memória*. Niterói: EDUFF.

BARLETT, L. (2012). **Migration Sud-Sud et éducation: le cas de la scolarisation des jeunes immigrants haïtiens en République dominicaine**. Comparer: Revue d'éducation comparée et internationale.

BHABHA, Jacqueline. **Child Migration and Human Rights in a Global Age**. Princeton: Princeton University Press, 2014.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens.** Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

ELYSEE, Reginald. **Os haitianos no Paraná: desafios e vivências no processo de acolhimento**. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021.

ETIENNE, Sauveur Pierre. **L'énigme haïtienne**. Échec de l'État moderne en Haïti. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal / Mémoire d'Encrier, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIOCONDA, Ghiggi. **O lugar das crianças migrantes e refugiadas nas políticas públicas em educação infantil no Brasil**. 2024. Tese. Universidade Federal do Parana. Curitiba, 2024.

GOBINEAU, Arthur. **Essai sur l'inégalité des races humaines (Livres 1, 2, 3, 4, de 6).**Canada:ÉditionNumérique,2004.http://tybbot.free.fr/Tybbow/Livres/Gobineau/essai_inegalite_races_1.pdf

JAMES, C. L. R. ***Os jacobinos negros*: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo, Boitempo, 2010.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

LINTON, R. 1973. **Cultura e Personalidade (tradução de The Cultural Background of Personnality, 1945)**, segunda ed., São Paulo.

LIRA, C. **O português como língua de herança em Munique: práticas de desafios**. *Fólio* – Revista de Letras, v. 10, n. 1, 2018.

LUCIEN, Gustov. **Entrevista concedida a Marcus de Souza**. Curitiba, 19 set. 2019.

MADIOU, Thomas: **Histoire d'Haïti. Edition H. Deschamps**, Port-au-Prince, 1989.

NASCIMENTO, Abdias. (1978). ***O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado***. Paz e Terra.

PRADO, L. T. **Xenofobia e os refugiados Sírios: O que a "crise dos refugiados" fala sobre a crise da humanidade**. *Grandes temas do conhecimento*: Psicologia no29. São Paulo, 2016.

QUIJANO, Aníbal. "**Colonialidade do poder, eurocetrismo e América Latina".** LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

SAYAD, **Abdelmalek.** ***L'immigration ou les paradoxes de l'altérité***. De Boeck Wesmael S.A., 1991 (Trad. Bras. Cristina Murachco. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1998)

SCHWARCZ, Lilia Moritz. (1993). ***O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930***. Companhia das Letras.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEELY, Rei. **Radiografia Refugiado Feijoada & Poesias Sem Folhas**. 1.ed. Curitiba: Editora Dybbuk, 2017.

SEELY, Rei. **Cada dia é um amanhã: narrativa de um imig**rande. 1.ed. Curitiba Editora Telaranha, 2024.

WALSH, Catherine. ***Entretejiendo lo pedagógico y lo decolonial:*** **luchas, caminos y siembras de reflexión-acción para resistir (re) existir y (re) vivir.** Alter/nativas. E-Book, 2017.

WILSON, Nicole: **Le pouvoir des mouvements sociaux et la lutte contre la corruption et l'impunité en Haïti**. Ayibopost, 2024.

AGÊNCIA BRASIL. **Número de novos imigrantes cresce 24,4% no Brasil em dez anos**.Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/numero-de-novos-imigrantes-cresce-244-no-brasil-em-dez-anos. Acesso em: 13 mar. 2023.

ONU. MINUSTAH. **Mission des Nations Unies pour la stabilisation en** HaïtiDisponível em: https://peacekeeping.un.org/fr/mission/minustah. Acesso em: 10 out. 2024.

LE MONDE. **L'ONU admet sa responsabilité dans l'épidémie de choléra en Haïti**. Disponível em: https://www.lemonde.fr/planete/article/2016/08/19/l-onu-admet-sa-responsabilite-dans-l-epidemie-de-cholera-en-haiti_4985249_3244.html. Acesso em: 25 set. 2015.

ASSEMBLEE NATIONALE. **Code Noir**. Disponível em: https://www.assemblee-nationale.fr/histoire/esclavage/code-noir.pdf. Acesso em: 10 dez. 2023.

ONU. **Negros são mais afetados por desigualdades e violência no Brasil, alerta agência da** ONU. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/76059-negros-s%C3%A3o-mais-afetados-por-desigualdades-e-viol%C3%AAncia-no-brasil-alerta-ag%C3%AAncia-da-onu. Acesso em: 10 set. 2024.

Edital-de-Abertura-n-018-2022-Concurso Público. Disponível em: https://www.piraquara.pr.gov.br/publicacoes/pss/EditaldeAberturan0182022215830. Acesso em: 10 out. 2022.

IBGE. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/piraquara. Acesso em: 18 jan. 2025.

ACNUR. **Dados: refugiados no Brasil e no mundo**. Disponível em: https://www.acnur.org/br/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo. Acesso em: 10 fev. 2025.

AYBOPOST. **Opinion | La lutte pour Haïti, un documentaire sur le mouvement Petrocaribe**. Disponível em: https://ayibopost.com/opinion-la-lutte-pour-haiti/. Acesso em: 21 jun. 2024.

OMS. **Bulletins d'information sur les flambées épidémiques. Choléra – Haïti**. Disponível em: https://www.who.int/fr/emergencies/disease-outbreak-news/item/2022-DON415. Acesso em: 20 out. 2024.

SISMIGRA. **Sistema de Registro Nacional Migratório**. Microdados 2011-2020.Sismigra,2022.Disponívelem:https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733obmigra/dados/microdados/401205-sismigra. Acesso em: 10 out. 2024.

APÊNDICE 1

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A DIRETORA

1) Gostaria de aprender um pouco sobre a cidade de Piraquara. O que faz esta localidade especial? Qual é o histórico da cidade?

2) Sua escola recebe alunos migrantes? Quais nacionalidades estão presentes?

3) Há dificuldades em atender as necessidades dessa comunidade? Como ocorre o processo de acolhida?

4) A instituição tem um plano pedagógico específico para integrar as crianças migrantes?

5) Qual a sua visão sobre o papel do intérprete crioulo na escola?

6) Como você avalia o desempenho das crianças haitianas em comparação com os demais alunos?

7) Quais desafios você nota que as crianças haitianas encontram na escola?

8) Você acredita que as crianças haitianas sofrem discriminação na escola devido à cor da pele?

9) Como você observa a convivência das crianças haitianas com seus colegas?

10) Os docentes recebem treinamento adicional para apoiar os alunos durante as aulas?

11) A escola disponibiliza algum lanche para os alunos durante o horário de aula?

12) Quais são suas expectativas em relação ao apoio do governo?

APÊNDICE 2

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O INTÉRPRETE

1) O que fez você decidir deixar o Haiti e vir para o Brasil?
   Kisa ki te fè ou deside kite Ayiti pou vini Brezil?

2) Você reside aqui com sua família?
   Ou rete isit avèk fanmi ou?

3) Você tinha emprego enquanto esteve no Haiti?
   Lè ou te nan Ayiti, ou te konn travay?

4) O edital menciona que a pessoa precisa ser brasileira nata ou ter cidadania brasileira; como você conseguiu esse trabalho, já que não é naturalizada?
   Nan dokiman an, li di ke moun nan dwe sitwayen brezilyen oswa natiralize; ki jan ou te jwenn travay sa a epi ou pa natiralize?

5) Sabemos que há crianças haitianas na escola; como as famílias dessas crianças enxergam vocês na instituição?
   Kòman paran timoun yo wè ou nan lekòl la?

6) De que maneira as crianças te acolhem na escola? Você percebe uma boa relação com pais e professores?
   Kòman timoun yo akeyi ou nan lekòl la? Èske ou obsève bon jan relasyon paran yo epi avèk pwofesè yo?

7) Quais dificuldades você percebe que as crianças haitianas enfrentam no ambiente escolar?
   Ki sa ou remake epi ki difikilte timoun ayisyen yo ap fè fas nan lekòl la?

8) Qual é a sua função na escola?
   Ki sa ou fè kòm travay nan lekòl la?

9) Você acredita que as crianças haitianas são alvo de discriminação na escola devido à cor de sua pele?
   Èske ou kwè timoun ayisyen yo sibi diskriminasyon nan lekòl la akoz koulè po yo?

APÊNDICE 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM EDUCADORES

1) Você tem estudantes haitianos em sua sala de aula? Há dificuldades em atender às necessidades dessa comunidade? Como é realizado esse acolhimento?

2) Qual é a sua percepção sobre o desempenho dos alunos haitianos em comparação com os demais na escola?

3) Quais desafios você nota que as crianças haitianas enfrentam na instituição de ensino?

4) Como você vê a interação entre a criança haitiana e os outros alunos na escola?

5) Qual é a sua visão sobre a relevância de um intérprete de crioulo na escola?

6) Você acredita que as crianças haitianas sofrem discriminação na escola devido à sua cor de pele?

7) A escola possui algum plano pedagógico destinado a receber crianças migrantes?

8) Você participou de alguma formação para melhor atender as crianças migrantes?

APÊNDICE 4

ROTEIRO DA REUNIÃO COM AS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS MIGRANTES HAITIANAS

1) O que fez você decidir deixar o Haiti e vir para o Brasil?
   Kisa ki te fè ou deside kite Ayiti pou vini Brezil?

1) Você reside aqui com sua família?
   Ou rete isit ak fanmi ou?

2) Como percebe o acolhimento da escola para seus filhos? Você está satisfeito, satisfeita?
   Kijan ou obsève akèy lekòl la pou pitit ou a? Èske ou satisfè?

3) Quais as diferenças você observa quando sua criança estava na escola no Haiti e agora no Brasil?
   Ki diferans ou wè lè timoun nou te lekòl Ayiti epi kounya nan Brezil?

4) Que dificuldades você acha que seu filho tem para aprender? Você acompanha seu filho nas tarefas escolares? Você fala português?
   Ki difikilte ou santi tilmoun ou a genyen pou li aprann? Èske ou akonpanye pitit ou a nan fè devwa? Ou pale pòtigè?

5) Você sente que seu filho sofre discriminação na escola?
   Ou santi pitit ou a soufri diskriminasyon nan lekòl la?

APÊNDICE 5

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O DIRETOR TIBEAU NO HAITI

1) Conte-nos sobre sua cidade?
   Pale nou de vil ou a?

2) Em que ano foi fundada sua escola?
   Nan ki ane lekòl ou a fonde?

3) Os professores recebem formação pedagógica para poderem ensinar?
   Èske pwofesè yo resevwa fòmasyon pedagogik pou yo kapab fè lekòl?

4) Como a escola recebe os alunos?
   Ki jan lekòl la akeyi elèv yo?

5) A escola tem espaço para as crianças brincarem, existe biblioteca?
   Lekòl la gen espas pou timoun yo jwe, gen bibliyotèk?

6) Os alunos sofrem bullying na escola?
   Èske elèv yo soufri boulin nan lekòl la?

7) Que medidas educativas a escola estabeleceu para combater esta situação?
   Ki mezi edikatif lekòl la etabli pou kontrekare sa a?

8) A escola tem cantina?
   Èske lekòl la gen kantin?

9) O que provoca o abandono escolar na tua escola?
   Kisa ki konn koze abandon nan lekòl ou a?